FEVEREIRO

Fev. de 1916

Revista Feminina

Anno 3
Nº 21

"Chá de Cacáo"

= MARCA REGISTRADA =

Tonico Nutritivo e Estimulante. Reconstituinte da Infancia e da Velhice

Unico Depositario:

J. de Niemeyer.

Av. B. Luiz Antonio, 175

— Telephone, 5098

A' VENDA NAS CASAS:

Edison, Duchein, Freire, Charles Hu, Pereira, Coutinho, Willi, Alto Douro e outras

Tinoco Machado & C.

Rua Libero Badaró, 52 (Primeiro andar)

Telephone, 3558 — SÃO PAULO

Unicos Agentes neste Estado das superiores VELAS

Brasileira

Ypiranga

Paulista

Colombo

Bicho

Pequenas

e demais productos da

"Companhia Luz Stearica"

do Rio de Janeiro

Cera Paulista

Processo especial de fabricação :-:

para moveis e assoalhos

Não gruda, não escorrega

Verdadeira economia. Vende-se nas casas

Edison, Mauro Muniz de Souza, Manoel Ferreira da Silva e no depositario

A. L. Campos

RUA S. BENTO, 39 - A - TELEPH. 2624

ANNO III — SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1916 — NUM. 21

PROPRIEDADE DA EMPREZA FEMININA :: :: BRASILEIRA

Revista Feminina

DIRECTORA: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

REDACÇÃO: ALAMEDA GLETTE, 87

Preço para venda avulsa: 600 réis

ASSIG. ANNUAL PARA TODO O BRASIL 7$000

TELEPHONE No. 5004

FEVEREIRO

(Todas as senhoras brazileiras devem ler)

HA um facto que nenhuma senhora brazileira deve hoje ignorar e é que existe no Brazil uma *Revista Feminina*, dirigida exclusivamente por senhoras, dedicada exclusivamente ás senhoras e que pela selecção apurada do seu texto é a verdadeira leitura do lar: — util, attrahente e educativa. Ainda mais: Que a *Revista Feminina* está no seu III anno de existencia e que os seus dois primeiros annos foram dois annos de lucta abnegada e incessante, de sacrificio continuo de dinheiro e de esforço, sem o menor resultado pratico, nem mesmo o de consolidar definitivamente a primeira tentativa methodica e ordenada do espirito feminino no Brazil.

E toda a somma ingente de trabalho e todo o heroismo que esse trabalho representa, quasi que o devemos exclusivamente á nossa directora, cuja acção têm sublimidades apostolares e desprendimentos que deviam valer-lhe uma consagração. Não se limita a nossa directora a bordar uma chronica, a escrever um artigo, a dirigir os serviços das officinas e o serviço do escriptorio. E' ella mesma quem vae de casa em casa de commercio, procurar annuncios, orgulhosa do seu trabalho, sem falsos escrupulos e sem a soberbia que caracterisa a nossa megalomania tropical. Junto da sua acção o trabalho de nós outras, que a acompanhamos no sublime apostolado, apaga-se e desapparece na poeira opaca de uma bruma vaga, que apenas vale por destacar-lhe o brilho.

* * *

Ouçam agora as senhoras brazileiras; ouçam uma cousa dolorosa, que á minha penna de mulher custa escrever! Todo o sacrificio que temos feito para manter uma publicação feminina, séria, escolhida, de san moral e de optima leitura, tem passado despercebido e quasi ignorado de nossas patricias. De alguns milhões de mulheres que habitam o nosso grande Paiz, apenas um pequeno pugilo, que se conta por dezenas, veio em nosso auxilio.

E' bem verdade que grande numero de senhoras nos tem enviado calorosos applausos, mas infelizmente essas manifestações platonicas de encorajamento, que são deliciosas para o nosso subjectivismo, não têm curso no terreno escabroso do — Deve e Haver —, que tanto têm lastimado os nossos pobres e inexperientes pés femininos, que um dos mais inexoraveis dos nossos parnasianos, já teve a habilidade de proclamar «o subtil apoio da divindade sobre a terra»!

E' uma cruel injustiça, é uma dolorosa injustiça!...

Que custaria a cada uma de nossas leitoras arranjar-nos uma nova assignante? Um ligeiro esforço apenas, um esforço quasi nullo, em prol de uma obra tão importante para as senhoras brazileiras, que têm vivido até hoje desprezadas e envoltas nas trevas da ignorancia, como se fossem incapazes de tomar parte activa na vida intellectual do Paiz, como si fossem um *peso morto*, apenas necessario para estabilisar o balanço da renovação da raça!

E' uma injustiça que não deve continuar, que não póde continuar; é uma indifferença que só poderia justificar o conceito de indolencia e de inercia, com que se tenta acabrunhar a reputação da mulher brazileira, conceito que a nossa fé repelle.

* * *

Renovamos pois o appello que já por estas columnas temos feito ás nossas patricias.

Não nos abandoneis, porque o nosso trabalho é util e proveitoso a todas vós. Não se trata de uma revista de exploração mercantil e sim do orgão de uma cruzada, que é a do destaque e da elevação do espirito feminino no Brazil. O augmento da nossa receita será todo elle empregado em melhorar a nossa Revista, em augmentar-lhe o numero de paginas, em distribuir trabalhos e amostras, como fazem as revistas femininas estrangeiras.

Queremos e devemos ter no Brazil uma revista de senhoras tão completa e tão bôa quanto ás melhores revistas estrangeiras e quando conseguirmos o nosso desideratum, teremos obtido a consagração que merece a mulher brazileira — meiga, affectiva, arguta e superiormente intelligente.

Para chegarmos a tal fim basta apenas que cada uma das senhoras que lêr estas linhas, se apresse em enviar-nos uma nova assignante. A assignatura custa uma insignificancia e só não arranjará uma nova assignante, aquella de nossas leitoras que não se quizer dar a um ligeiro esforço, em prol de um assumpto que interessa directa e especialmente ao sexo a que ella pertence.

Temos certeza que si se tratasse de uma subscripção a favor das creancinhas belgas, ou das victimas de qualquer terremoto de terras estrangeiras, distantes e quasi desconhecidas — não faltariam obulos.

Pois bem; trata-se agora não de uma subscripção, mas de uma permuta de interesses que redundará, não em beneficio de victimas distantes e desconhecidas, mas em beneficio de nós mesmas, de nossas irmans, da nossas filhas...

Trabalhemos um momento pelo nosso sexo e pela grandeza da nossa Patria e lembremo-nos que na hora tremenda, em que a nossa nacionalidade fracassa e se esphacela, de encontro ao duro pedregal da ambição desmedida dos individuos e do despudor delirante das camarilhas politicas, não podemos continuar indifferentes á sorte da nossa raça, envenenando com as trovas de um sentimentalismo desleixado, os ultimos luares em que os nossos irmãos e os nossos filhos amortalham a nossa cara, extremosa e *unica* Patria...

Anna Rita Malheiros.

UM MAÇO DE CARTAS

DE JULIA LOPES DE ALMEIDA

(Collaboração especial para a Revista Feminina)

I

Angela.

Villa Jurema

LAMENTANDO que tivessemos comprado um sitio para o verão longe dos logares que preferes, perguntas-me se é bonita ao menos a casa da residencia.

Dir-te-hei: é um casarão á antiga, habitado sucessivamente por um portugês e um nortista. Lembram o primeiro, o estilo alpendrado do predio e um quadro de azulejo que refresca o exterior de um dos seus muros; lembram o segundo, os ganchos de ferro ainda presos aos humbraes de varios compartimentos, e para os quaes já encomendámos no norte as respectivas rêdes. Tres salas, seis quartos, um amplo corredor, comodas dependencias e a tocar nas janelas a galharia do arvoredo; eis a casa que te espera nos doces dias das férias!

Dizes que os teus dois rapazinhos teem uma grande curiosidade *por isto*, e acrescentas: «Ah, se eles soubessem escrever, quantas perguntas lhe fariam! Não sei como lhes hei de tirar o habito maçador da indagação.»

Pois eu estimo essa curiosidade, tanto quanto detesto as criaturas apaticas e indiferentes. Compreendo que esse anseio infantil de penetrar no sentido e na razão de ser de todas as coisas nos pareça muitas vezes importuno, pelo menos sempre que o não saibamos satisfazer, o que nos acontece frequentemente, por estarmos ainda muito desprevenidas em materia de instrução; mas sou de parecer que não devemos por isso abafar nas crianças essa qualidade tão expressiva da sua inteligencia. Dizia minha Mãe: a curiosidade é a fome do espirito: para que organismo que a sinta não fique depauperado e incapaz de esforços dignos, é mister satisfazel-a a tempo com todas regras de uma boa hygiene. O estomago e o cerebro das crianças são muito exigentes, não admitem longos espaços de inatividade. Elas querem sentir o sabor de tudo quanto vêem e conhecer o sentido verdadeiro de tudo que mal percebem. Compete ás mães compreender essa natural sofreguidão de vida, e ilucidal-as até ás raias do possivel.

Neste caso, por exemplo — que te custaria? Quiz o teu Jaime saber porque batisei com o nome de *Jurema* a minha propriedade campestre. Extranhou o termo, pensou segundo dizes que ele representasse o nome de alguma egoasinha branca que aqui tivessemos, associando assim, á palavra desconhecida, não só a fórma de um sêr que a interessa, como tambem uma côr. E' bem imaginoso e infantil! Por seu lado o irmão replicou que Jurema deveria ser antes uma ave de pernas compridas!

Francamente, minha querida, que te custaria correr á biblioteca de teu marido, á procura de um dicionario ilucidativo?

E' verdade que já te ouvi que não tens paciencia de folhear dicionarios. O que tu chamas — não ter paciencia é — não ter curiosidade intelectual — e não a tens porque, á força de repelir em tuas indagações quando eras pequena, como tu agora repeles as de teus filhos, abafaram em ti essa qualidade natural e utilissima.

Não córes: o mesmo acontece a muita gente para quem o conselho que Theophilo Gauthier deu ao nosso patricio Arthur de Oliveira: — *jeune homme, lisez le dictionnaire*, — chega a parecer absurdo. E creio que o Arthur o seguiu a ponto de ter sempre um dicionario portugês á sua mesa de cabeceira, tal era a sua devoção pela lingua e pelo mestre que o conselhara!

Basta! já é tempo de te dizer porque batisámos com o nome de *Jurema* o nosso sitio. Jurema é o nome de uma arvore da familia das Mimosas. Temos uma delas perto da varanda. A sua galharia tóca ás janelas da sala de jantar E eis ahi uma outra lembrança deixada pelo nosso antecessor nortista. Faltaria á verdade se dissesse que a acho bonita. Meu marido tambem hesitou em escolhel-a para padroeira da nossa casa, mas como o seu nome nos pareceu a ambos de um sabor bem brasileiro, prestamos-lhe essa homenagem.

E a proposito: manifestas-me a intenção de ensinar desde já aos teus filhinhos frances e ingles; mesmo antes de os fazeres soletrar a lingua materna! Permite-me algumas considerações sobre tão grave assunto.

Dir-te-hei antes de tudo que um povo que fala mal o seu proprio idioma deixa de cumprir o seu principal dever de patriota. Pensar em o nosso paiz é pensar na nossa lingua, estragar uma é deprimir o outro. Amamentando a inteligencia de teus filhos no seio de dois idiomas diferentes do nosso, preparas para o seu futuro confusões e embaraços no uso da sua propria lingua. Lembra-te de que as impressões das crianças deixam rasto para a vida toda. Ás melhores das suas simpatias irão assim para outras nacionalidades, além do perigo de se imiscuirem mais tarde, no seu modo de falar e de escrever fórmulas completamente alheias á sua linguagem patria, o que é sempre desagradavel.

Eu tenho uma grande fé no poder da linguagem. Se em todas as colonias que existem ou venham a existir no Brazil, fôr obrigatorio o uso da nossa lingua, só ela moralmente terá mais força para impedir quaesquer idéas de invasão e de dominio extrangeiro que toda uma esquadra ou um exercito numeroso e instruido.

Nada radica uma pessôa á terra em que vive, mesmo de emprestimo, como a lingua dessa propria terra.

Como vês, esta não é uma questão meramente literaria ou fantazista, mas de alta politica e a que nós, as mães, não podemos nem devemos ser indiferentes. Geralmente argumentamos que num paiz cosmopolita como o nosso, devemos saber linguas extrangeiras, para que nos possamos entender com os respetivos colonos...

Mas não te parece que essa preocupação devem tel-a eles, muito mais do que nós? Ouvi um dia dizer a um marselhês, que não se dava ao trabalho de estudar o portugês porque todo o mundo aqui falava francês. Se não dessemos a esse senhor a honra de só lhe falarmos na sua lingua, não seria indispensavel que ele nos desse a nós o gosto de nos falar na nossa?

Pensa no que te estou dizendo, que o assunto é de magna importancia para o futuro do Brazil. Todo o povo bem constituido deve prezar a sua origem e pôr bem alto e venerado o genio da sua lingua.

Não penses porisso, minha querida, que eu me oponha a que ensines linguas extrangeiras aos teus meninos. O meu pensamento é que, em primeiro lugar devem estudar a sua propria, e com quem a ame e a saiba fazer amada; depois então as outras, tantas quantas quizeres e o seu espirito comportar.

Ainda outra coisa te peço: não ouças a tagarelice de teus filhos com ouvido distraido; dá-lhes importancia, conversa com eles. Pensa que as crianças teem melindres como a gente grande, gostam que se lhes preste atenção quando falam.

E nessas conversas intimas e doces quantas coisas belas se sugerem e se ensinam! As palavras maternas são sempre facinadoras e teem uma ação prodigiosa na formação do caracter e do espirito dos filhos pequeninos. Disse J. Jacques Rousseau, um autor que não conheces mas cujo nome tens ouvido citar, que a primeira educação, que é a mais importante da vida, pertence incontestavelmente ás mulheres, pois se o autor da natureza quizesse que ela pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado a eles, o leite para a nutrição das criancinhas.

Vou lembrar-te uma coisa facil e agradavel: estuda um pouco da nossa historia e conta-a a teus filhos, de fórma a interessal-os pelos seus homens e pelos seus fatos principaes. Já que não tens um jardim da Infancia ao pé de casa, faze tu mesma por ir preparando o espirito de teus filhos, habituando-os sem esforço a prestarem atenção ao que ouvirem e ao que virem, para que lhes não seja depois penosa a primeira instrução.

Chegados a esse ponto, ensina-lhes a lêr a nossa lingua, e a escrever as suas primeiras cartas na nossa lingua e a amar a nossa lingua. Dá-lhes depois então a tua sonhada *miss* e a tua querida *mademoiselle*, na certeza de que a melhor parte da patria já lá estará dentro, no coração e no espirito das tuas criaturas.

Perdôa a longura desta carta mas, sabes, estes assuntos arrastam-me.

Branca.»

(Revista Feminina de S. Paulo)

Julia Lopes de Almeida

TRECHOS CLASSICOS

Ha um homem, em cada parochia, que não tem familia, mas que é da familia de todo o Mundo, que é chamado como testemunha, de todos os actos mais solemnes da vida civil; sem o qual não se pode nascer ou morrer; que conduz o homem do seio materno ao tumulo; que abençoa ou consagra o berço, o leito conjugal, o leito da morte e o funeral; um homem que as creanças se habituam a venerar, a temer e a amar; que mesmo os desconhecidos tratam de pae; aos pés dos quaes, os catholicos fazem as suas mais intimas confissões e vertem suas lagrimas mais secretas; um homem que é o consolador de todas as miserias da alma e do corpo, o intermediario habitual da riqueza e da pobreza, a cuja porta batem o rico para dar a esmola secreta, o pobre para a receber sem córar; que não sendo de nenhuma classe social, pertence á todas ellas; ás classes inferiores pela sua vida pobre e muitas vezes pela humildade do seu nascimento; ás classes elevadas pela educação, pela sciencia; um homem emfim que tem o direito de tudo dizer e cuja palavra cáe do alto sobre as intelligencias e sobre os corações com a autoridade de uma missão divina e o imperio da fé! Este homem, é o padre.

Lamartine

A abelha e a mosca. Um dia uma abelha percebeu uma mosca junto da sua colmeia.

— Que vens fazer aqui? — disse-lhe ella num tom furioso. Queres por acaso nivelar-te com as minhas do ar?

— Tendes razão — respondeu friamente a mosca — é sempre máu approximar-se alguem de uma nação tão fogosa como a vossa.

— Ninguem nos ave.nja — disse a abelha — Temos leis e uma republica bem policiada; não colhemos senão flores odoriferas; não fazemos senão mel delicioso, que ao nectar eguala. Foge de minha presença, vil mosca importuna, que nada mais fazes que zumbir e que procuras o teu alimento nas estercueiras.

— Vivemos como podemos — retorquiu a mosca; a pobreza não é um vicio. A colera, sim, é um grande vicio. Fabricaes o mel que é doce, mas vosso coração é sempre amargo; sois sabias em vossas leis, mas arrebatadas em vossa conducta. Vossa colera, que pica aos inimigos, vos dá a morte e vossa louca crueldade vos faz mais mal que a ninguem. Vale mais ter qualidades menos brilhantes e mais moderação!...

Fenelon

(Revista Feminina de S. Paulo).

RECEITAS PARA A PELLE

O crême Dermina, formula do Prof. Ficher é o grande successo do dia. Além de ser um excellente crême de toilette é um remedio poderoso contra as espinhas, os dartros, o eczema, os cravos, manchas vermelhas do nariz, irritações da pelle, picadas de insectos, etc.

OS NOSSOS TROVADORES

Um dos mais inspirados e vibrantes repentistas foi sem duvida Gregorio de Mattos, cujo nome se popularisou no Brasil e em Portugal. O padre Manuel Bernardes, o grande classico portuguez, a elle assim se refere:

«Conhecemos, aqui em Lisboa, um homem que glossava motes (por difficultosos e paradoxaes que fossem) sem deter-se mais do que emquanto corria a mão pelo bigode. Uma vez lhe propoz o Marquez de Fronteira. o seguinte motte:

A mais formoza que Deus.

Gregorio de Mattos levantou os olhos pensativos e fazendo a acção costumada, saiu logo com a seguinte glossa:

Eu com duas damas vim
De uma certa romaria;
E uma, feia em demazia,
Sendo a outra um serafim.
E vendo-as eu, vir assim
Sós e sem amantes seus,
Lhes perguntei: Anjos meus,
Quem vos poz em tal estado?
Disse a feia — que o peccado —
A mais formoza — que Deus.

As nossas collaboradoras

Annunciamos hoje e com immenso prazer ás nossas leitoras uma nova collaboração — e especial para a nossa Revista — D. Julia Lopes de Almeida, a mais festejada, a mais original e a mais perfeita das nossas escriptoras. Julia Lopes é uma escriptora de predicados raros, que se escrevesse em uma lingua de maior vulgarisação, teria a mesma ou maior consagração que Marcelle Tynaire, Mathilde Serão ou qualquer outra das grandes escriptoras europeas, cujos livros se vendem por dezenas de milhares. Felizmente para nós e infelizmente para ella, a sua alma de escol vasa todas as suas subtilissimas e deliciosas impressões no nosso desconhecido portuguez. A sua prosa leve e scintillante, sem artificios e sem rebuscamentos, deliciosa como os morangos frescos colhidos no prado por manhans esplendentes de primavera — é um regalo para as almas femininas que nella renascem nas suas mais reconditas e mais suaves emoções. E' pois, com intenso prazer, que publicamos hoje a 1.ª carta de uma serie com que bondosamente vae honrar as nossas paginas a festejada e gloriosa artista. E o gesto generoso de Julia Lopes de Almeida, vindo ao nosso encontro no arduo e espinhoso apostolado que nos impuzemos, do levantamento do espirito feminino no Brazil, deve servir de incentivo ás demais senhoras brazileiras, para que não nos desamparem. Certo, são poucas e raras as Julia Lopes de Almeida, mas nem tanto pedimos ás nossas leitoras. Para que todas nos auxilhem, basta que cada uma nos envie uma nova assignante. Dá-nos uma as flores rutilantes do seu espirito; outras nos darão, com o seu auxilio prestante, as flores generosas do coração. E si nem todas as mulheres têm um grande espirito creador, todas têm um grande coração generoso!...

A ETERNA MASCARA

Transcrevemos a seguir uma linda chronica de João Luso, um dos mais brilhantes escriptores da geração moderna, cujo estylo suave e perfeito vae porcerto encantar as nossas leitoras.

Toda a gente conhece a resposta do philosopho grego a uma cortezan, bella talvez, talvez hedionda, que se lhe approximou, revirando os olhos mortiços e convidativos:

— Tira a mascara... disse elle, sarcastico, se não apenas prudente — tira a mascara, para que eu te possa ver o rosto.

Por mascara, designava o philosopho perverso, ou apenas cauteloso, a camada de tintas e pomadas que, em vez de o embellezar, accentuar, nas suas particularidades seductoras, aquelle semblante de mulher, de facto o rebocava, o recobria impenetravelmente. Quer dizer que, por esse tempo, as athenienses se pintavam — de mais. E este adverbio é preciso para indicar os usos femininos da época, porque, em todas as épocas, as mulheres, descontentes com a propria formosura e julgando poderem aperfeiçoal-a, applicaram á physionomia traços e cores artificiaes. Não está bem provado que a nossa mãe Eva utilisasse o sumo das amoras do Eden, para avivar o sangue dos labios e assim melhor attrahir com a promessa de mais doce e calido contacto, os beijos do nosso pae Adão. Sobre esse ponto de magno interesse, nada nos diz o Velho Testamento, — decididamente, uma obra falha... Mas, se nao foi logo a primeira mulher a iniciadora do alindamento pela pintura, foi, sem duvida, uma das suas descendentes mais proximas. Quem sabe se a pobre Eva se não apoquentou com as filhas e as não tentou debalde corrigir, tal qual as mamãs do nosso tempo, quando notavam á sahida para o theatro ou para o passeio, que as meninas tinham carregado a mão... Emfim, o certo é que o «maquillage» se perde na noite dos tempos. Onde quer que a civilisação foi chegando, lá o encontrou, de uso corrente e já tradicional. Entre as mulheres selvagens de todas as regiões e de todos os seculos, só ha a distinguir as que mais ou menos abusavam — ou ainda abusam — dos elementos rudimentares desse ramo de *toilette* que a natureza, numa bem feminina cumplicidade, lhes offerece. Assim, antes de se saber vestir, a mulher aprende a se pintar; e assim, antes da arte, devia ter apparecido no mundo o artificio.

Quando aquelle philosopho teve o ensejo de fazer a sua phrase immortal, as athenienses exaggeravam. A moda levava alli ao extremo uma pratica eterna e universal. Talvez no anno anterior se usasse apenas uma ligeira nevoa, um longe, uma suspeita — como dizem os francezes — de caracterisação. As athenienses, pelo menos as que Aristophanes nos deixou retratadas e commentadas na «Lysistrata», tomavam a moda a sério com todos os seus caprichos, exigencias e até com os seus ridiculos; e á força de quererem andar na moda, observando-a de todas as maneiras e inclusivamente fazendo-a, conseguiam talvez obter, com a simples tunica e o penteado, mais effeitos de variedade e fantasia que as elegantes deste seculo, com a infinita complicação dos seus petrechos e superfluidades. Sobretudo, não hesitavam; se a lei do chamado bom gosto — que pode ser optimo hoje, embora hontem haja sido e amanhan volte a ser, fatalmente, pessimo — lhes impunha o exaggero, logo de bom grado e convictamente se lhe adaptavam, tornando-o a sua moldura propria e o seu elemento natural. E quando essa lei, sempre variavel, mas sempre sagrada, lhes indicou a excessiva applicação dos ingredientes chromaticos, immediatamente e desprezando a celebrada pureza e harmonia das suas feições, se pintaram e repintaram, até ficarem na justa apreciação do philosopho, mascaradas. Na verdade, querendo dar á belleza melhor adorno, o resultado é que a occultavam e, portanto, a sacrificavam. Mas nem todos os contemporaneos as olhariam com a precaução ou a insolencia daquelle pensador. Já então os homens da cidade, *blasés* e avidos de requintes, se sentiriam attrahidos pelos encantos postiços; as falsas perfeições que de longe se lhes denunciavam, a mentira que os não podia illudir. Não philosophos provavelmente, mas poetas haveria, perdidos de desejo por certos labios, cuja ardencia e acridez consistem apenas em dois riscos de carmim; e com os poetas, innumeros outros loucos loucamente adorariam esses «canteiros de violetas», florescencia ideal de languidez e melancolia que as mulheres fazem nascer nas olheiras, esfregando-as com cortiça carbonizada, isto é, sujando-as. Tambem por isso, pois, pelo desejo e a necessidade de agradar aos homens pervertidos duma dada época, as mulheres de Athenas se mascaravam. Depois, viria outra moda... Mas, diga-se de passagem, a mascara ficou. Foi, sem duvida, desde então que os gregos, mulheres e homens, passaram a andar ordinariamente mascarados e a conquistar a fama de sorridente e perigoso disfarce, de que gozam no mundo. Os homens, principalmente e acima de todos, os homens do Estado... E assim elles hontem affivelavam uma mascara para assignar o tratado de alliança com a Servia, se servem hoje doutra para fugir a esse compromisso e assim por diante, tantas mascaras quantos dias — até que inilludiveis circumstancias os obriguem a mostrar a cara, tal qual é!

Mas voltemos ao nosso assumpto. Deixemos a guerra, embora, na verdade, fosse um aspecto ou uma consequencia da guerra que nos inspirou todas estas considerações. Dir-se-ia que, emquanto existissem mulheres, com a sua incontentavel ancia de aformoseamento e a sua constante preoccupação de dar na vista do outro sexo, o *maquillage* persistiria, mais discreto ou mais ousado, indo do quasi imperceptivel ao escandaloso, mudanno, em si proprio, de feição, e alterando ora uma, ora outra, ora todas as feições das suas victimas — mas sempre considerado o primeiro dos requisitos femininos. Desconhecido ou malquisto nos campos e aldeias, parecia para todo o sempre implantado, e com inattingivel prestigio, quer nos sertões quer nas cidades. Pariz consagrara-o, tornando-o uma sciencia complexa e uma arte subtil. Creara em seu favor uma infinidade de pastas, pomadas, pós, esmaltes, cosmeticos, vernizes. Por elle, num incessante culto esthetico e uma infatigavel porfia industrial, se inventavam, cada dia, novos *batons*, novos *crayons*, novas formulas e composições; e toda uma chicana se formara para a renovação successiva daquelles productos, cuja applicação exigia cada vez mais nnmerosos e apurados instrumentos. Por isso, um estojo de *toilette*, razoavelmente sortido, deixava a perder de vista, já pela diversidade, já pela preciosidade, a ferramenta de qualquer cirurgião. E quanto mais essas difficuldades e subtilezas se iam refinando, tanto mais — naturalmente — as mulheres as prezavam e as consideravam indispensaveis...

Modernamente, bem poderiamos dizer que as mulheres se pintavam, não tanto para disfarçar os seus senões ou realçar as suas graças de physionomia, como para mostrar á evidencia e a qualquer distancia, que se pintavam. As antigas causas e effeitos da pintura haviam sido, por completo, abandonados. O crême e o carmin, por exemplo, já não serviam, nem aquelle para simular a maciez da pelle, nem este para substituir, nas maçans do rosto, o san-

continúa na pag. 12.

O TEMPLO DO PASSADO

DE MAETERLINCK

Quanto thesouro feminino andava perdido na *selva escura* do indifferentismo nacional pelas letras e pelas Artes! Um a um a *Revista Feminina* os vae pondo em destaque e é com o prazer, de um garimpeiro, ao descobrir um novo brilhante que trazemos a publico cada uma de nossas novas e brilhantes collaboradoras.

D. Mathilde Christina, que assigna a linda traducção que damos a seguir, é uma das mais rutilas intellectualidades femininas do Paraná e continua com galhardia e raro brilho, as mesmas lettras que, com tanta paixão cultivou seu pai, o Conselheiro Araujo, o inolvidavel auctor das *Memorias de um philosopho myope*.

Para traz de nós o passado extende-se em longa perspectiva. Dorme ao longe, como uma cidade abandonada, na bruma. Alguns cimos limitam-no e dominam-no. Alguns actos de importancia elevam-se, como torreões, uns ainda radiantes, outros quasi em ruinas, inclinando-se pouco a pouco, sob o peso do olvido. Arvores desfolham-se, muros esboroam-se, grandes espaços de sombra, alargam-se. Tudo parece morto, sem outro movimento que aquelle de que os anima illusoriamente, a lenta decomposição de nossa memoria.

E além dessa vida de emprestimo parece, que tudo está definitivamente immobilisado, immutavel para sempre, separado do presente e do futuro, por um rio intransponivel. Na realidade porém o passado vive e para muitos de entre nós, mais ardente e mais profundamente que o presente e o futuro. Na verdade, muitas vezes, essa cidade morta é o foco mais activo da existencia e segundo a concepção que os anima, para uns nella estão todas as suas riquezas, para outros o sepulchro de uma existencia.

Succede com as nossas ideas sobre o passado o mesmo que succede com as nossas ideas sobre o amor, sobre a justiça, sobre o destino, sobre a felicidade e a mór parte desses organismos espirituaes, incertos posto que poderosos, que representam as grandes forças ás quaes obedecemos. Nós os recebemos já feitos de nossos predecessores e mesmo, quando desperta a nossa segunda consciencia, que blasona de nada acceitar de olhos fechados, mesmo quando nós nos applicamos a examinal-os, perdemos nosso tempo a interrogar os que fallam alto e não cessam de repetir-se, em vez de procurarmos si não existem outros que nada tenham dito. E não é necessario ir muito longe para descobrir estes ultimos, que apenas esperam que os evoquemos. No seu silencio elles não são inactivos e sobrepondo-se ás convicções fanfarrans, dirigem tranquillamente uma parte de nossa vida real e achando-se mais proximas da verdade que seus irmãos, são muitas vezes os mais simples e os mais bellos.

Entre taes ideas as que presidem á nossa concepção do passado são decididas. Graças a ellas, o passado nos surge como uma potencia tão importante, quanto o proprio Destino. E' o Destino que age por traz e que dá a mão ao que age pela frente. Elle nos impelle com a mesma brutalidade irresistivel com que o outro nos arrasta e talvez, com uma brutalidade mais empolgante e mais terrivel. Pode-se duvidar do Destino. E' um Deus dos quaes muitos não sentem o ataque.

Ninguem porém póde contestar a força do passado e parece impossivel que os seus effeitos não se façam sentir, mais cedo ou mais tarde.

A força do passado e uma das mais pesadas entre as que se fazem sentir e que nos curvam pela tristeza. No emtanto nenhuma seria mais docil, si soubessemos tirar melhor partido da sua docilidade. O passado pertence-nos tanto quanto o presente e é mais malleavel que o futuro.

Elle está inteiramente em nosso pensamento e constantemente em nossas mãos e não só o passado material, como o passado moral. «O passado é passado» dizemos nós e isto não é verdade; o passado está

sempre presente. «Carregamos o peso do nosso passado», affirmamos nós e é no emtanto o passado que carrega o nosso peso. «Nada pode delir o passado» e ainda isto não é verdade; o presente e o futuro, ao menor impulso da nossa vontade, percorrem o passado e nelle desfazem tudo o que queiramos desfazer. «Meu passado é triste, é vasio — dizemos ainda — nelle não encontro um minuto de belleza, de felicidade ou de amor; não vejo nelle mais que ruinas sem grandeza...» E tudo isto não é verdade; porque nelle vereis tudo o que vosso olhar nelle incluir.

Nosso passado depende inteiramente do nosso presente e muda perennemente com elle. Toma a forma dos vasos nos quaes o nosso pensamento o recolhe. Está contido em nossa memoria e nada é mais variavel e mais impressionavel, nada é menos independente que a memoria, alimentada incessantemente pelo nosso coração e pela nossa intelligencia. O que a cada um de nós deve importar no passado não é o facto consummado, mas as reacções moraes que elles produzem na hora presente; é o ser interior que elles contribuiram em lapidar; e as reacções que cream o ser intimo, dependem por completo, do modo pelo qual encaramos os acontecimentos passados. Ora, a cada degrau que nossa intelligencia e nossos sentimentos vencem, a substancia moral de nosso ser modifica-se e os factos, os mais immutaveis, que parecem esculpidos na pedra e no bronze, revestem-se de um aspecto completamente differente, deslocam-se e animam-se, dão-nos conselhos mais vastos e mais corajosos, arrastam a memoria na sua ascensão e de um montão de escombros que jaziam na sombra, fazem surgir uma cidade que se repovoa e sob a qual o sol novamente desponta. Vivemos pois do passado para o presente e o futuro.

(Continúa)

Mathilde Christina de Araujo.

(Traducção para a Revista Feminina de S. Paulo).

Um sorteio de nóivas

FORMOU-SE na Inglaterra um associação feminina, a « Liga para casar os soldados invalidos » e que é composta por moças solteiras, que tomaram o compromisso de acceitar por maridos, os soldados que se tiverem invalidado, em defeza da patria.

As noticias, que sobre tal associação trazem os jornaes inglezes, dão como já inscriptas 98 mil moças e affirmam que igual iniciativa vae ser posta em pratica na França.

Os espiritos criticos e satyricos querem vêr nesse movimento feminino apenas uma « caça ao marido », que trará por patrimonio, além das glorias ganhas no campo de batalha, o soldo vitalicio que o governo concede aos invalidos. E asseguram, que se trata do « refugo feminino », cuja fealdade ou defeitos farão fugir os pretendentes!

Os espiritos bem formados e crentes ainda nos sentimentos de altruismo da essencia humana, vêm ao contrario no movimento das miss, um gesto de abnegação e de sacrificio, para mitigar o futuro dos pobres soldados que tudo sacrificaram pela gloria e pela grandeza da patria.

Nos ligeiros commentarios que se vão seguir collocamo-nos inteiramente fóra de um e de outro ponto de vista. A nossa feminilidade revolta-se contra a perversa noção dos primeiros, mas não se deixa deslumbrar inteiramente pela concepção dos segundos. Somos mulher e ha um unico ponto que nos preoccupa — que é o ponto feminino. E perguntamos:

— Tem uma mulher o direito de immolar assim o que de mais sagrado ha no seu sexo, por um gesto de falso patrictismo e de erroneo sentimentalismo?

Não — é a nossa resposta. — A funcção da mulher não lhe pertence, nem no ponto de vista vital, nem no ponto de vista social. A sua funcção essencial é indubitavelmente a maternidade, a perpetuação da raça e da especie, para o qual a Natureza a fez apta e para o qual lhe dá, no correr da vida, inclinações certas e fataes, que se consubstanciam num sentimento que se crêa no seu intimo, independente da sua vontade e muitas vezes da sua Razão e que a nossa intelligencia engalana e doira sob o nome de amor. E' um sentimento que lhe nasce do mais intimo, que lhe brota da alma num dado momento, como um jorro crystallino de agua pura e fresca, que pelo impulso que o anima, escapa ás contaminações da superficie, ás injuncções do meio, á polluição das conveniencias.

A conjugação só é feliz quando a elle obedece exclusivamente. O casamento de conveniencia torna-se pois odioso aos moralistas e aos sociologos, porque foge á unica Moral, que é a que nasce da propria Natureza e não consulta á principios essenciaes para á formação de uma sociedade san. A conveniencia não é sómente a que reside no interesse pecuniario ou material.

Ella póde assumir differentes aspectos e differentes fórmas, sem que no emtanto se attenúe o seu lado prejudicial. Um casamento que obedeça a uma alliança politica ou industrial ou commercial, a qualquer combinação em que sejam consultados menos as inclinações naturaes do que os interesses de terceiros — é sempre um casamento de conveniencia, digno de reprovação.

O que pretendem as socias da nova Liga? « Salvar a esses heroes humildes, da tristeza e do desespero com uma união feliz e amparal-os no resto de seus dias, como esposa e como enfermeira ».

Ha pois no programma um interesse, uma conveniencia, que parecem á primeira vista de uma sublimidade sem par, pela sua abnegação, mas que á luz de uma analyse mais fria e mais ponderada, sobre ser paradoxal, não é digno de applausos.

A «união feliz» não poderá nascer exclusivamente da nobreza do seu gesto porque ella é regida por principios primarios de attracção e de affinidade, que o mais inflammado patriotismo não póde crear. Será um bello impulso de piedade feminina, mas não é na piedade e na esmola que se encerra a felicidade de uma união... E qual é de vós, minhas caras leitoras, que acreditará na felicidade de uma união em que á mulher deva caber quasi que exclusivamente o papel de enfermeira? O ardor dos primeiros dias, a febre dos primeiros momentos de um impulso, poderão illusoriamente por algum tempo embargar o passo ás aspirações inevitaveis da feminilidade, mas aos poucos, com o decorrer dos dias, com a acalmia, com o reequilibrio, a Natureza prevelacerá fatalmente. Então, no cotejo da vida diaria, da maioria desses uniões resultará forçosamente a desgraça indissoluvel ou a deshonra do lar.

Estão erradas as *miss*. Ha uma couse que não nos pertence, que está acima da todas as injuncções e de todos os enthusiasmos, que é uma parcella de dividade que nos consagra, que nos eleva, que nos faz depositarias das tradições e das bellezas heroicas da raça, que não podemos ceder a outro preço que não seja o nenhum preço das coisas inavaliaveis pelo excesso do seu valor, que é a genese e a sublimidade especie — o nosso amor!

Ha no coração da mulher um manancial inexaurivel de affectividade e de carinhos, mas cumpre não os confundir e não os emmaranhar e a cada um dar o seu lugar e á sua hora. Amor e piedade, ambos são sentimentos que nos exaltam, mas são sentimentos que não se equivalem, nem se substituem. Na estrada larga da vida, onde crescem espinhos e desabrochem flores, não neguemos a piedade aos que soffrem, mas guardemos o sorriso claro e doce da nossa feminilidade, onde canta a vida e dorme o sonho, só e exclusivamente para o nosso coração, pelo qual a raça se pérpetua e a Vida se renova, envolta no manto delicioso da Phantasia.

Anna Rita Malheiros

(Reproducção interdicta sem a declaração de que foi transcripto da nossa Revista).

Bebam CAXAMBÚ
A melhor AGUA MINERAL de mesa

O QUE OS MARIDOS DEVEM SABER

:-: Offerecemos hoje ás nossas leitoras mais uma estréa; a de D. Bebé de Mendonça Lima, escriptora paulista que reside actualmente em Paris, dotada de um bello espirito, observador o arguto e que dispõe de um estylo conciso, brilhante e de um descriptivo de grande vivacidade. Assim, em cada numero, vamos pondo em destaque as joias do espirito feminino brasileiro tão mal conhecido e tão desdenhado e quando outras não fossem as feizes resultantes da nossa publicação, bastava esta para recommendal-a á protecção carinhosa das senhoras brasileiras.

PENSA a maioria dos homens — e com mais ou menos razão — que é dever da esposa constituir o seu lar como um canto de sombra, fresca e redolente, onde o marido encontre a calma feliz que o conforte da agrura da vida exterior. Nem todos os maridos porém se lembram que a organisação desse recanto de conforto e de carinhos, não depende sómente da esposa, mas em grande parte do proprio marido.

Uma sala lindamente encerada, póde ser rapidamente desfeita, pelos sapatos ferrados de um homem grosseiro. E quantas vezes um lar feliz, calmo, tranquillo, que aguarda ancioso o regresso do seu senhor, é brutalmente desfeito em lagrimas, quando de volta da Cidade, não sabe reter o seu mau humor e sacode o pó de suas luctas exteriores, no espaço suave e puro que o esperava, meigo e carinhoso?

A nossa nova e brilhante collaboradora, D. Bebé de Mendonça Lima

Ao doce sorriso da esposa que o vem receber no patamar da escada, apurada na sua toilette, graciosa nos seus gestos, elle responde mal humorado, entregando-lhe o chapeu:

— Oh, filha, deixa-me; venho de tal maneira irritado...

Tudo se apaga no lar. A esposa desapontada, de olhos baixos e humidos vae guardar-lhe o chapeu. Um veu de tristeza entra com o homem e adensa-se pelo lar e faz fenecer as flores das floreiras.

O vinco, que elle traz, cavado entre os supercilios, afasta amedrontada uma creança que se vinha approximando, com o riso fresco e consolador das primeiras edades, que como o canto de um canario completa a harmonia do lar. Nem chega a pronunciar — Pápá!

A mãe toma-a pelo braço e afasta-a, adivinhando já a reprimenda:

— Leva essa creança para dentro!

Os creados embaraçam-se para servil-o; a esposa treme do receio de uma phrase mais aspera e no silencio em que fica immerso o lar, parece haver a palpitação de soluços das camaras mortuarias.

Vem a refeição. A esposa solicita serve. O marido engole automaticamente os boccados. Olha o relogio. Não tem uma palavra de meiguice ou um gesto de agradecimento, por todo o conforto que as mãos amorosas da esposa lhe prepararam. Ha um momento em que ella, com a meiga cordura do seu coração, quer vêr si o consola, si quebra a frieza daquelles poucos minutos que passa ao seu lado e atreve-se a uma phrase:

— Não te deixes assim aborrecer pelos negocios...

Não conclue a phrase, porém. Elle tem um gesto rispido e uma exclamação de enfado. As mulheres não entendem nada, não percebem quando devem fallar e quando se devem calar...

Novo silencio. Elle apressado toma a sobremeza e levanta-se. Reclama contra o café que por muito quente, atraza-o alguns segundos. Reclamaria igualmente si o café estivesse menos quente, achando-o frio. Toma o chapeu e sae. A esposa alcança-o á porta:

— Sáes assim... sem um beijo ao menos...

Apressadamente, elle concede a graça suprema de um roçar apressado de bigodes pelo rosto da esposa e desce a escada, de tres em tres degraus, para a rua.

Na quieta sombra do lar ouve-se ás vezes um soluço e um corpo que se atira sobre um divan. Mas o marido já está na rua: não ouviu o soluço; não viu em que flor maguada desabrochou o rastro que o seu máu humor deixou em casa; não comprehendeu que só elle é o causador da ruina daquella felicidade, que abnegada e apaixonadamente, lhe extendia os braços...

Bébé de Mendonça Lima.

(Reproducção interdicta, sob as penas da lei, salvo no caso de declaração expressa de que foi transcripto da nossa Revista.)

ADALIUS

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contem grande copia de receitas de cozinha, doces, licores etc. todas experimentadas e muito praticas.

Elegante livrinho util a toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 1000 Réis

Remettam essa importancia em sellos do correio com o seu endereço, a *Empreza Feminina Brasileira* Alameda Glete, 87, São Paulo — e immediatamente será expedido o Adalius.

gue moço e quente. As mulheres preferiam ás côres da juventude e da saude, as côres artificiaes, insusceptiveis de se confundirem... com as outras. Jean Lorrain, com a sua paixão doentia pelo *maquillage*, tinha feito finalmente escola. Depois de morto, o autor das «Poussiéres de Paris», implantava o gosto e a regra da polychromia arbitraria, adulterando ostensivamente a cutis, constituindo uma especie de belleza só de excentricidade e de falsidade. E assim, mesmo sem o terem lido e obedecendo, por imitação, ao triumpho pratico de tal theoria, as mulheres tingiam as unhas de um escarlate violento, inconcebivel como tom natural; deslocavam o rosado da face para as covas dos olhos; davam aos labios um corte azulado. ou roxo, ou côr de havana, conforme lhes parecesse mais incoherente; semeavam, aqui e acolá, outros matizes desconnexos e berrantes; e cobriam tudo isso de uma substancia que rebrilhava. Dest'arte, a pelle deixava não apenas de ser macia, setinosa, pennugenta, mas tambem de offerecer essa cariciosa apparencia. A derradeira e unica impressão que ella dava, era a de um vidrado, um esmaltado quebradiço ao toque mais ligeiro e capaz, ao menor calor, de se derreter ignobilmente. Não havia duvida, pois, de que as mulheres se pintavam de proposito para que nenhum homem se illudisse, julgando aquillo natural. Baudelaire defendia enternecidamente as mulheres do seu tempo, argumentando que, nellas, a pintura vinha a ser um signal de modestia, de pouca confiança em si proprias: por se não verem sufficientemente favorecidas de graças legitimas, é que as pobrezinhas recorriam a tal engodo... Desse conceito poetico e caritativo, se ririam as elegantes de agora, com a immensa vaidade de se sentirem dignas de todas as admirações e todas as adorações, sem precisarem, para isso, de enganar ninguem. Não, ellas não disfarçavam, não dissimulavam — ao contrario! E ultimamente, tinham chegado ao extremo da franqueza, da desenvoltura: numa platéa, num salão de baile, no bonde, na calçada, abriam o saquinho de mão, tiravam de lá um espelho, varios *crayons* e pintavam-se, demorada, meticulosamente; depois, guardavam aquelles objectos, e seguiam o seu caminho ou ficavam, numa perfeita indifferença por quem as olhasse e como se nada de extraordinario houvesse naquella publica operação de toucador. Com effeito, essas damas do tom consideravam o *maquillage* um cuidado essencial de quem preza a compostura e esbelteza da sua pessoa — cuidado tão urgente, ás vezes, como arredar da testa um anel de cabello ou afofar, com dois piparotes, no hombro, uma renda amarrotada. E dada esta orientação e esta convicção, ninguem podia imaginar a que ponto as coisas chegariam, quando, de repente... era uma vez o *maquillage!*

Como? Assim mesmo, sem transição, sem gradação, sem preparo de especie alguma. Um bello dia, chegou a noticia de que as mulheres de Pariz, absorvidas com a guerra, os seus males e os seus remedios, haviam abandonado, como por simples esquecimento, essa pratica quotidiana... Não foi preciso mais nada. No Rio de Janeiro, como, naturalmente, no resto do mundo — em Berlim, inclusivé — o *maquillage* estava condemnado. Com a intensa paixão pariziense que tão seductoramente as caracterisa, as cariocas, logo no dia seguinte mostravam o rosto como Deus lh'o fez. Foi uma moda que morreu, positivamente morreu, dum dia para o outro, nesta capital e que conforme a regra de sempre, deve agora passar a ser geralmente observada — em Nicteroy. Quanto ás cariocas, nem ellas de certo calculam quanto ganharam com a mudança. Indubitavelmente, algumas andam tristes, desgostosas e até um tanto envergonhadas. Dir-se-ia que a falta de tintas no rosto as acanha e confrange, como uma especie de nudez... E todavia, ficam tão melhor assim! Apenas, não estão livres de receber do cavalheiro a quem cumprimentem com o seu novo sorriso, este pedido nada attico e nada philosophico:

— Perdão, minha senhora... Não poderia v. exa. pôr a mascara, a ver se tenho a honra de a reconhecer?

João Luso.

(D'«O Estado»)

Educação das crianças

A maior parte dos homens são aquillo que suas mães o fizeram ser.

O pae que permanece fora da casa quasi todo o dia não tem sobre os filhos a metade da influencia que, sobre elles exerce a mãe. Eis a razão que uma mãe carrega com uma grande responsabilidade, seja ella a pessoa mais pobre do lugar. Tal o jardineiro, assim é o seu jardim; tal a mulher, assim é toda a sua familia. Antes que uma raça nova appareça no mundo, é preciso haver verdadeiras mães.

Encontramos geralmente moços distinctos, de valor mesmo; é que elles tiveram boas mães, piedosas e tementes a Deus.

As creanças muitas vezes causam terriveis dores de cabeça á suas mães, porém si ellas deixarem-nas fazer todas as suas vontades, seguir todas as suas inclinações; quando essas creanças chegarem á maior edade, certamente que hão de despedaçar-lhe o coração.

O amor maternal não deve ser excessivo, cego; pois pouco lucrará uma creança cuja mãe exita reprehendel-a, por ternura.

Aquella que ama loucamente seus filhos, fará d'elles uns loucos.

As blusas dos meninos precisam as vezes serem fustigadas com uma vara, e os vestidos das meninas teem melhor aspecto depois de sacudir-se a poeira As creanças que jamais são reprehendidas assemelham-se aos campos que jamais foram cultivados. A pessoa que pensa ser cousa facil educar uma creança, mostra que nunca educou uma só. Uma mãe educando bem seus filhos deve ser sábia como Salomão, paciente como Jesus foi com seus discipulos.

Ha creanças que causam grandes dessassocegos ás suas mães. Todo esforço parece falhar deante d'ellas.

Taes creanças devem impellir-nos para mais perto de Deus, pois Elle póde branquear a pelle de um mouro e fazer desapparecer as manchas do leopardo. Essas creanças objecto de nossas orações hão de tornar-se creanças de acções de graças.

As mães que teem chorado deante de Deus por causa dos seus filhos, entoarão um dia um cantico novo a seu respeito. Só Deus póde melhorar aquillo que nós mesmas não o conseguimos, é a razão que as mães nunca devem desesperar dos seus filhos emquanto elles estão vivos. Deus está em toda parte, Elle não os perde de vista, mesmo quando naveguem sobre as grandes aguas.

As mães que incessantemente estão criticando e que sempre teem alguma cousa á reprovar em seus filhos, perderão a sua influencia sobre elles. Estas creanças nunca hão de sentir-se bem a gosto perto de sua mãe. "A presença de minha mãe faz-me tanto bem", disse-me uma pessoa. Assim deve ser; perto de sua mãe os meninos e as meninas devem sempre estar á liberdade, alegres e satisfeitos. Jamais constrangidos.

E' preciso que ella tenha intelligencia para tudo o que lhe diz respeito, é assim que ella adquirirá a sua confiança.

Um sorriso carinhoso no rosto de uma mãe, tem guiado muitos no bom caminho, o receio de fazel-a derramar uma lagrima reteve muitos filhos longe do máu caminho.

Um menino póde ter um coração de ferro, mas a mãe póde fazel-o macio como a cera. Homem algum perdeu-se emquanto teve fiel e piedosa mãe orando sempre por elle.

— Oh! mãe, vosso poder é grande, egualmente é grande a vossa responsabilidade.

Albina A. Pires de Campos

O QUE DEVIA MORRER

(PARA A REVISTA FEMININA)

POR uma manhan melancolica de outono os pescadores assistiam a uma missa de finados por intenção dos naufragos do *Josué*. Quatro homens haviam perecido e pela alliança natural dos habitantes dos pequenos burgos, toda a parochia estava de lucto. O padre acabava de psalmodiar o *Libera me* e soluços cortavam os psalmos. Os sons de uma canção vieram de fóra do cemiterio:

Ma douce Annette, par ce beau soir
Viens sur la lande nous asseoir.

Os pescadores mais proximos do portico precipitaram-se para fóra, para castigar o insolente e deram com um rapaz, de tez corada e olhos humidos, a cavalleiro sobre um tumulo. E elle assim os recebeu:

— Oh, lá, que farça! Rezam por mim lá dentro e eu cá estou, são como um pero!

— Possivel? Tu, João Maloret! — retorquiam-lhe. — Não morreste então afogado?

E os pescadores voltando-se para a capella apressaram-se em ter as alviçaras:

— Vinde todos: Maloret cá está, são e salvo!

Ás viuvas, os orphãos e os velhos jorraram da porta estreita da capella, emquanto o rapazote alegre chasqueava:

— Que bella gaitada! Enterraram-me vivo!

Uma robusta rapariga, com os olhos ainda tumidos de lagrimas, atirou-se aos braços de João;

— Tu, meu João! — e a voz morreu-lhe num soluço, de alegria e de surpreza.

— Sim, eu mesmo, o teu João, minha Maria e o João de todos! Cá estou escoteiro e são como uma lampréa!

E os dois noivos abraçaram-se enternecidos. O pae Maloret porém, o velho guarda do pharol e sua mulher, a Luiza, disputaram-n'o á rapariga, a exclamar:

— Que milagre, santo Deus!

As tres viuvas afflictas approximaram-se tambem a inquirir:

— Explica-nos, João! Que é feito de nossos maridos, do Antonio, do Francisco, do Carlos?

O rapaz entre risonho e triste respondeu-lhe:

— Por elles sim, vocês podem rezar, que elles não voltarão. A *Josué* abriu-se como uma ameixa madura, de encontro ás pedras e tudo que estava dentro foi ao fundo.

— E tu? Como escapaste?

— O que vou contar? Num naufragio assim rapido que se vae saber dos camaradas? Quando vi a *Josué* afundar saltei no Joujou e puz-me rumo á terra.

Estupefactos os pais, os irmãos e as viuvas escutavam.

— Não procuraste então salvar teus companheiros?

— Como o havia de fazer si elles desappareceram?

— Devias tel-os procurado! — disse a viuva de Carlos.

— Trataste apenas de salvar-te na chalupa de bordo... disse, em censura, a viuva de Antonio.

— Covarde, tiveste medo de arriscar tua vida para salvar aos teus companheiros! — exclamou a viuva de Francisco.

— Meu filho João está fóra de si; elle não faria isso. E' marinheiro e filho de marinheiro. Esperem que elle se acalme e se justificará — retorquiu o pai Maloret.

Espantada com as verberações das viuvas, Maria pediu ao seu noivo que se defendesse.

— Pois bem, eu confesso que não estou em mim. Ao alcançar a terra puz-me a beber, de alegria de me vêr salvo e ha dias que caminho, fazendo escala pelos armazens da estrada. Não me lembro de nada!

— Nunca se volta á terra sem os seus camaradas. Este miseravel apoderou-se da chalupa de bordo e tratou de salvar-se abandonando os companheiros! — exclamaram as viuvas.

João sentiu confusamente a antipathia que se formava contra elle e com os passos incertos, a cabeça turva, sahiu pelo braço de Maria, seguido de imprecações:

— Mariola! Covarde! Vae afogar-te onde se afogaram os teus companheiros.

Na manhan seguinte Maria viu-o apparecer á porta da casa dos Maloret. Vinha de cabeça baixa, como um condemnado. Por traz delle desenhou-se logo a figura austera do pai Maloret, com o braço extendido, a expulsal-o... João, de cabeça baixa, anniquillado, nem se voltou; seguiu acabrunhado e vencido, o caminho do desterro, das areas estereis da praia. Maria foi alcançal-o junto do ponto de atracação dos barcos.

-- Maria, Maria — exclamou elle a soluçar — hontem ainda, tonto das bebidas, não sei o que disse e esta manhan, ainda estremunhado, fui expulso por meu pai da nossa velha casa! Não comprehendo nada! Porque me expulsou elle? Por me haver salvo só? Devia então afogar-me propositalmente para ser digno dos meus?

Os olhos de Maria encheram-se de lagrimas e abraçando-se a João, segredou-lhe:

— Fico-te eu e terei sempre confiança em ti. Logo nos casaremos e teremos então que rir das tolices dessa gente toda.

Pelo meado do dia porem as viuvas ainda cheias de odio, reunidas no armazem do largo da igreja, juraram que não o deixariam ter descanço, até que pagasse o seu crime. Juraram e puzeram logo em pratica as suas ameaças. João tinha alugado, pela manhan, uma cabana modesta na praia e uma semana mais tarde, suppondo acalmada a colera que contra elle se elevara, procurou engajar-se num barco sardinheiro. Os patrões receberam-n'o com ironias crueis:

— Engajar-te? Estás doido, meu calabrote! Si o barco virasse, eras capaz de roubar-nos a cortiça das rêdes para te salvarés a gosto!

João pensou:

— E' preciso paciencia. Mais alguns dias e elles se acalmarão talvez.

Só lhe restava o consolo de Maria que ao crepusculo lhe vinha trazer um pouco de pão e de peixe frito e que com elle se demorava a trocar ternuras, emquanto o mar murmurava dorido as suas maguas. Uma noite, quando elles estavam assim a conversar, pareceu-lhes ouvir uma voz, de alguem que se occultava:

— Eh, Maria, não tens medo de casar com um morto? Teu João morreu com os camaradas do *Josué*.

João, colerico, bradou então a plenos pulmões:

— Mentira! Eu me salvei, unicamente pela minha coragem; não trahi a ninguem, não abandonei ninguem.

— Tu estás morto! — respondeu-lhe a voz — Cala-te!

Maria, fugiu apavorada com aquella voz soturna que vinha da noite, e que lhe pareceu que vinha de Além-tumulo e tal medo se apoderou de sua alma simples, que passou dias e dias, sem voltar á cabana. O pão faltou ao pobre rapaz e como elle não se atrevia a ir até o povoado, de medo que o enxotassem a pedradas, foi alli fenecendo á mingoa, varado de fome, a alma desalentada e triste ... E assim morreu.

Foi só então que os pais Maloret o vieram buscar e que toda a população com elle se reconciliou, vindo ao seu enterro.

No cemiterio a pobre Maria, que haviam prohibido de voltar á cabana, gemia anniquillada:

— Meu pobre João! Elles te mataram porque te salvaste pela tua coragem.

Os marinheiros porém não pensavam como ella e baixo repetiam:

— A coragem do marinheiro é salvar-se com os seus ou com elles morrer!

Bahia — 1916.

Charles Géniaux

(Traducção da distincta escriptora bahiana D. Emilia de Lemos para a Revista Feminina.)

MOLESTIAS CONTAGIOSAS

A Directoria do Serviço Sanitario faz publica que são molestias de notificação compulsoria: a variola; a escarlatina; a peste; o cholera; a febre amarella; a diphteria; a infecção puerperal; a ophtalmia dos recem-nascidos nas maternidades; o typho e as febres typhoide e paratyphica; a tuberculose aberta; a lepra ulcerada; o impaludismo; a ankilostomiase; o trachoma e a conjunctivite purulenta; a dysenteria; a coqueluche, sarampo e a parotidite nos collegios, asylos e habitações collectivas; a meningite cerebro-espinhal epidemica.

São obrigados a esta notificação: a) o medico chamado para prestar cuidados ao enfermo; b) o proprietario responsavel pelo predio de habitação collectiva; c) o director o chefe do estabelecimento, fabrica, collegio ou asylo onde estiver o doente; d) o chefe da familia; e) o parente mais proximo que residir com o enfermo; f) o enfermeiro ou o encarregado do enfermo mais proximo.

O secretario,

JOAQUIM R. TEIXEIRA.

DA SOCIEDADE PAULISTA

A ULTIMA VONTADE

O conto seguinte de Marcel Prévost, da Academia de França, foi traduzido especialmente para a nossa *Revista*, pelo talentoso academico de Direito Olympio de Sousa Loureiro.

DISCORRIA-SE, entre intimos, sobre a seguinte questão, muitas vezes agitada pelos moralistas:

— Um pai ou um marido tem o direito de influir, seja por testamento, seja por uma recommendação suprema, sobre o destino sentimental de seus filhos ou de sua mulher?

Todo o mundo foi accorde em responder pela negativa e Descombes, tabellião nos arredores de Paris, foi mais prolixo.

— Conheci — disse elle — no curso de minha carreira, muitos exemplos de tal imprudencia e eu procuro sempre dissuadir os meus clientes, que pretendem commetter tal erro. Vou relatar-lhes um dos casos mais dolorosos em que me vi envolvido, por força da minha profissão. Tive em moço, um excellente camarada que se chamava Huvelin, era empregado publico e que se apaixonou por uma senhorita pobre, de nome Regina e filha do Capitão Pilliére, reformado e viuvo.

Regina era uma morena seductora e Huvelin cahiu-lhe por tal forma em graça, que por elle, ella recusou sem hesitação um partido excellente: — o joven Coubert, filho do industrial mais rico da localidade.

O capitão Pilliére contava então 65 annos e teve um primeiro ataque de apoplexia, que lhe deixou o braço direito paralysado.

Regina tratou-o com apaixonada dedicação: sete mezes mais tarde porém, novo ataque levou o doente desta para melhor. Regina ficou sem recursos. O testamento do velho exprimia a sua angustia ao pensar no futuro da filha e recommendava-a a um de seus velhos camaradas, com as seguintes palavras:

"Si minha cara filha Regina quer que eu durma tranquillo no meu tumulo, deve arrepender-se da sua primeira resolução e casar-se com o joven Coubert, que a ama sinceramente."

Regine foi heroica. Rompeu com Huvelin e casou-se com Coubert. Fui eu que redigi a minuta do contracto. Eu era ainda simples empregado, mas tinha o coração de tal modo sensivil, que deixei cahir uma lagrima no meio da folha de papel, o que me valeu uma severa reprimenda do antigo tabellião, o sr. Gobin, meu patrão.

Regina tornou-se a senhora Coubert. Tornou-se rica. Teve filhos. Coubert era, no fundo, um bravo homem; tratava-a bem.

... Vou relatar-lhes um dos casos mais dolorosos em que mi vi envolvido — disse o tabellião Descombes

Regina no emtanto não foi feliz. Eu o soube porque, Huvelin tendo deixado o emprego e a cidade, Regina voltou-se para mim com um pouco da affeição que ella guardara pelo ausente.

Durante os vinte annos que duraram minhas relações com os Coubert, aprendi esta verdade singular:— que uma mulher verdadeiramente honesta pode observar ao mesmo tempo duas fidelidades contradictorias, que se parecem excluir. Regina foi perfeitamente fiel a seu marido; mas ella não retomou a Huvelin a parte de seu coração que lhe havia dado e nunca se consolou. A ferida que o seu primeiro amor lhe tinha deixado na alma não mais se cicatrisou e eu creio, que foi a causa longiqua da molestia nervosa, á qual ella succumbiu precocemente.

Qnando a pobre senhora repousou de vez, ajudei o seu marido a pôr em ordem os seus papeis intimos. Não encontramos felizmente, nenhum traço escripto dos soffrimentos moraes, pelos quaes ella passou.

O segredo ficara entre mim e ella. Constatamos com emoção que ella havia guardado piedosamente todos os pequenos objectos que pertenceram a seu pai. Ora, abrindo eu casualmente um dos cadernos deixados pelo capitão Pilliére, uma folha de papel de carta cahiu ao chão e nella encontramos a seguinte declaração:

"Sob a ameaça da morte eu não me sinto com direito de dispôr do coração de minha filha e anulo portanto a ultima disposição do meu testamento de 18 de janeiro. Regina que se case com quem fôr do seu gosto."

Olympio de Souza Loureiro.

(Para a Revista Feminina de S. Paulo)

(Reproducção interdicta, salvo si fôr declarado o nome desta REVISTA.)

VIDA FEMININA

Em todas as grandes cidades, onde a cultura creou os refinamentos da elegancia e a distincção dos costumes, ha pontos selectos de reunião que, sob o pretexto de um chá ou de um gelado, reunem as senhoras para meia hora de entretenimento intellectual e innocente, de *causerie* animada e scintillante, entre dois numeros de musica selecta.

S. Paulo que acompanha pari-passu a vida elegante de todas as grandes capitaes, tem tambem na *Casa Branca*, um desses pontos que marcam no meridiano da vida quotidiana, a hora frivola e deliciosa, em que as almas femininas desabrocham como alegres borboletas, ao sol tepido de uma manhan de primavera. A *Casa Branca*, a par do seu serviço esmerado e irreprehensivel, proporciona diariamente á fina sociedade feminina de S. Paulo, um escolhido programma musical. E é grato ao olhar vêr a sua linda sala, repleta do que de mais encantador tem o mundo feminino de S. Paulo e aos ouvidos ouvirem o garrular alegre e despreoccupado da nossa «haute gomme». Indubitavelmente é um dos pontos chics de S. Paulo, onde se pode apreciar o que de mais distincto conta a nossa alta sociedade.

UM POUCO DE TUDO

GRAMMATICA DOS NAMORADOS — A mulher é um adjectivo que precisa concordar com o substantivo homem, para estar grammaticalmente na sociedade.

O namoro é um adverbio de tempo com um complemento determinativo — o casamento.

Os arrufos são orações incidentes no periodo da adoração.

Quando pensam em tornar esposa procuram logo a oração principal. — o dote.

O verbo amar é de todos os verbos da lingua o mais irregular.

Ha mulheres que não sabem absolutamente conjugal-o, porque esquecem o tempo e as pessoas.

Quantas vezes um rapaz deixa de casar, porque a mulher — preposição — pede depois complemento transitivo — a carruagem!

Uma solteirona bem conservada é um preterito perfeito: se fôr entrada em annos, é um preterito imperfeito.

Uma destas priminhas que logo aos treze annos começam a gostar de um primo, porque os paes vêem nelle um bom casamento, é um futuro condicional, que se torna futuro absoluto, se apparece outra mulher que saiba captivar o priminho.

Quando se faz uma declaração de amor conjuga-se o verbo no modo indicativo do tempo presente.

Uma traição no amor é uma conjuncção dijunctiva.

Quando uma mulher olha para um homem conjuga o verbo — amar — na segunda pessoa do singular, tempo presente do modo imperativo: — Amas tu?

Quando não se póde dizer ao certo se uma mulher gosta de Pedro ou Paulo, é porque ha uma amphibologia.

Quando se não vê namoro conhecido em uma mulher deve dizer-se: o sujeito está occulto por elypse.

Quando dois namorados esfriam é porque andam nas declamações.

Quando elle e ella conversam devagarinho, a um canto da sala, estão entre parenthesis.

Póde dizer-se indifferentemente: o meu amor ou o meu complemento objectivo.

Quando elle, ainda novo, se apresenta muito ciumento, põe na oração um complemento circumstancial de modo, como ha de ser quando casar-se...

A arte de levar com socego um negocio de amor chama-se syntaxe.

Um pae, se vae tomar informações do namorado da filha, está fazendo uma analyse de oração — e busca conhecer o sujeito.

Estudar a etymologia de uma mulher é vêr quaes os namorados que tem tido.

Uma dessas mulheraças corpulentas é um superlativo de mulher, e uma creaturinha pequena e muito leve é um diminutivo de mulher.

Quando o pae prohibe expressamente a filha que namora Pedro ou Paulo, põe um ponto final no periodo. Porém ella, ás vezes, muda-o para simples virgula...

A criada que leva as cartinhas della a elle é um verbo auxiliar.

Namorar duas ao mesmo tempo é um pleonasmo.

A mulher que fala do seu namorado póde dizer: é o meu substantivo proprio.

Os olhos ás vezes dizem amor, e a bocca modifica o sentimento.

Os olhos são radical e a bocca desinencia.

As mulheres que nunca namoram são verbos substantivos, não podem ter complemento objectivo; quando muito, têm attributo.

Os homens que namoram todas as mulheres são substantivos communs.

Aquelle que namora uma só é substantivo proprio.

Um coração sem amor é um verbo impessoal.

X. X.

RECEITAS DE TOILETTE

PARA AS MANCHAS DA PELLE — Use-se a agua simples addicionada de agua oxygenada. Esta ultima é muito acida e prejudicial á pelle; é preciso neutralisal-a com bicarbonato de sodio, á dose de 10 gr. por litro. Junta-se 1 parte de agua oxygenada com 1 a 10 partes de agua simples, conforme as manchas. Para sardas e manchas antigas, é por exemplo necessaria uma solução em partes iguaes, metade agua simples, metade agua oxygenada. Para clarear a pelle basta usar diariamente uma solução de 1 parte de agua oxygenada para 10 partes de agua simples. Ao fim de 15 ou 20 dias a pelle tem outro aspecto.

CREME — Não podemos aconselhar melhor creme que a Dermina. E' uma formula empregada em todos os Institutos de Belleza do mundo e na qual não entram composições nocivas. E' uma mistura de clara de ovo, productos graxos e o succo de umas hervas das Indias, descoberto por um medico allemão e de que as indianas se utilisam para conservar a frescura da pelle. Aliás é facilimo ás nossas leitoras obter um pote de *Dermina*, mesmo por nosso intermedio, pois que é um de nossos annunciantes, o depositario.

PARA OS CABELLOS — Para tingir os cabellos de louro todas as nossas leitoras conhecem o processo; basta lavai-os com agua oxygenada. Para as que tem cabellos loiros, mas manchados, é facil uniformisar-lhe a côr, lavando-os com uma infusão fraca de camomilla (macella).

PARA PINTAR OS CABELLOS — Ninguem gosta de ter o cabello branco... Para tingil-os de loiro, o melhor producto é o Henné em pó, que com a guerra, não entrou mais nos nossos mercados. E' excellente e inoffensivo. Para tingil-os de preto ha a *Petalina*, tambem inoffensiva e que é extrahida por um processo especial do carvão de pedra. E' inoffensiva e com elle obtem-se todas as cores raras, desde o castanho até o negro azeviche. Tem o inconveniente de parecer caro — custa 10$000 um tubo — mas em compensação não se gastam mais que 2 tubos por anno. Por obsequio a nossas leitoras nos incumbiremos de transmittir aos depositarios os pedidos de *Petalina*, que com 10$500 nos forem enviados.

PARA AS UNHAS — O melhor producto é a Pâte au sâble que se encontra nas lojas de ferragens e que custa uma ninharia. Dá um brilho extraordinario e duradouro.

X. X.

A SCIENCIA DA DOR

Damos a seguir uma lindissima pagina do Abbé Poulin, dedicada ás almas soffredoras e traduzida especialmente para a nossa Revista, por Helena F. Gurjão a apreciada pretisa brasileira.

O soffrimento é um facto universal e indiscutivel. A creança ao nascer, sente sobre sua cabeça a mão gelida do anjo negro da Dôr. Soffre, antes de pensar.

«On entre, on crie. Et c'est la vie.»

Quando mais tarde o raciocinio acorda a Razão, quando o problema da vida se apresenta aos seus olhos, vozes graves vem-lhe da alma: Vens do Nada e caminhas para a Morte. A Molestia te espreita, o soffrimento será teu patrimonio, o dever austero tua lei e terás que empregar contra tl mesmo o esforço, o trabalho, a lucta. Tudo é difficil, nada vencerás sem pena e ainda, apezar de tua boa vontade, não evitarás os desenganos, as desillusões, as perfidias de teus irmãos, as negras traições de teus sobrinhos, a ingratidão de uns e a miseria dos outros.

Ninguem escapa ao soffrimento. Apertae qualquer coração; não é preciso expremel-o muito para que delle jorrem lagrimas.

As grandes alegrias inquietam. Quando se está passando uma temporada feliz, calma, reposada, quem é que não tem momentos de reflexão agitados por vagos pressentimentos? O que se irá seguir, que desgraça nos espera? S. Francisco de Salles dizia: «Nunca estou tão bem como quando não estou completamente bem».

Parfois, en y songeant, mon bonheur m'épouvante:
Je me sens trop heureux, je scrute l'avenir,
Et la peur du Destin me saisit et me hante,
De tant de joie, un jour, si Dieu m'allait punir!

Houve philosophos que negam a dôr; tenturam fazer contra ella uma couraça de bronze. Erro, loucura, orgulho! Esta doutrina, dos antigos stoicos, experimentada por algumas grandes almas, nunca poude fazer proselytos. O soffrimento physico existe, aspero, brutal, máu, agudo, barbaro: Morde a dentes ávidos o ser vivo e cynico, sem misericordia, arranca o marido dos braços da mulher, o pae ao amor de seus filhos.

E tão agudo tantas vezes se torna que faz as almas desesperadas desejarem a morte como uma libertação. No entanto soffrimento ainda maior é de quem assiste, sem poder remediar, ao soffrimento de uma pessôa amada.

Mães, dizei-me si é verdade ou não! Eu vos vejo inclinadas e anciosas — a alma á superficie dos olhos — sobre o leito onde agonisa vosso filho unico, a exhalar penosamente um sopro, cortado de espasmos... Eu vos vejo curvadas ou de joelhos ou de rastros, as mãos contorcidas, os olhos seccos, o olhar parado sobre o crucifixo ou sobre uma imagem da Virgem — tremulas, impotentes, vencidas — a soffrer mil mortes emquanto uma só se processa!

E' que as dôres da operação são mais duras do soffrer que as dôres do corpo, porque ellas tocam mais profundamente as nossas cellulas, até os parenchymas primeiros da vida.

Naufragio de todas as esperanças, desespero de toda uma vida perdida, ruina da felicidade, da honra, do amor, traição da amizade, ingratidão daquelles por quem fizestes — qualquer dessas causas, caida de improviso sobre vossa vida, corta-vos os braços e aniquillam-vos profundamente.

Os que não tem coração ou não o sentem, parecem os mais felizes e ha uma escola moderna que ensina a fortificar-se contra o mal pela indifferença, sob pretexto de stoicismo. O impio Renan conta que a morte de sua irman não perturbou felizmente, a quietude do seu espirito!

Mas isto é tão monstruoso, tão profundamente egoista, que vale mais por certo ter coração e soffrer.

No meio desse immenso oceano de maes e de lagrimas não é nosso dever procurar um raio consolador?

Os doutores modernos da evolução procuraram supprimir, com auxilio da sciencia, o soffrimento e quiá a morte. E por inicio commetteram o crime de arrancar o crucifixo das mãos do povo; das escolas, onde a creança abria os olhos para a anayse; das mãos dos moribundos que com elle se consolavam; dos cemiterios, onde em cada tumulo, era uma bençam!

A resignação desapparecei então dos corações e o odio, a raiva, a inveja, armaram-se logo em guerra ininterrupta e o soffrimento cresceu, longe de desapparecer.

Ha na dôr, além do castigo de uma falta original, o castigo ás nossas proprias faltas. Quem poderá dizer: Deus é injusto; eu sou innocente e soffro? Ninguem por certo e um exame de consciencia nos mostrará que nunca é sem razão o nosso soffrimento. Não se pode fazer Deus responsavel pelos desvios da nossa vontade livre.

E a dôr é util; ella nos melhora, torna-nos mais reflectidos e menos egoistas. «A dôr é uma cultura, dizia Shakespeare.

O christianismo é a religião que nos ensina a soffrer; ella representa a dôr como o caminho do céu, a escada do merito, o caminho real da Cruz. A dôr consome, mas eleva as almas; é como o fogo, diz Guérin, que da madeira pesada tira o fumo que vae até o céu!

A dôr purifica e nobilita as almas, approxima-os de Deus e as faz dignas do ceu. Devemos pois recebel-a com resignação o — porque não dizer? — com alegria. Ella vem para purificar nossa alma, para mondal-a dos elementos máus para lavar-lhe as manchas e fazel-a digna da Eternidade.

E' uma mina de oiro, da qual extrahimos com duro labor, thesouros immortaes.

Não devemos accusar a Deus por ella, mas agradecel-a, como um beneficio, como a grande purificadora de nossa fraqueza e de nossa miseria. Deus fez-se homem um dia e para voltar ao seio da divindade purificou-se antes pelo soffrimento e morreu atado á cruz do opprobio e da injustiça.

E de cada vez que o desfallecimento nos tomar de assalto, devemos exclamar: Oh, Christo, ensinae-me a soffrer; atravessae-me com os vossos cravos; ultrajae-me com as affrontas que vos foram assacadas: iniciae-me nas glorias das ignominias; crucifica-me comvosco e dae-me um lugar no Vosso Reino.

ABBÈ POULIN

Traducção de D. HELENA F. GURJÃO

A MODA

Os actuaes chapeus parecem extravagantes a uma das nossas leitoras que, em uma phrase assim os define por carta: «Foram agora á Persia buscar uma novidade e de lá voltaram com uns gorros tão impertinentes e tão deselegantes, que é pena que não tenham sido torpedeados por um submarino allemão na travessia». Não se póde pedir á Moda que nos dê ininterruptamente novidades de indiscutivel gosto, além do que, rara é a moda nova que não encontre opposição nos primeiros dias, opposição que é compensada pela tolerancia no fim de algumas semanas e consagrada por um verdadeiro delirio ao fim de um mez! A saia apertada ou a saia balão, a saia simples ou a saia arrebicada de babados e mais babados, a blusa frouxa ou a blusa collada ao corpo — todas tiveram a mesma sorte. Assim pois, os chapeus persas, já tiveram os seus dois primeiros periodos e estão agora em plena apotheose. Irão em seguida para o ostracismo, depois de passarem da gentil cabeça das patrôas, para as cabeças menos perfumosas das creadas! Ha chronistas que ainda na hora presente affirmam que a introducção do gosto persa na moda européa «a todos agrada pela subtil desenvoltura das linhas e a deliciosa harmonia das côres e que agradaveis á vista são as graciosas golas, os enfeites dos sapatos e dos penteados e o admiravel conjuncto das violetas e rosa-chá, dos lilazes e das rosas claras, desmerecidas pelo tempo que lhes puzera tons esverdeados, rubros e brancos e que ainda brilham como nos primeiros dias».

Entre os modelos persas, alguns dos quaes se tem exhibido nas mais gentis cabeças femininas que S. Paulo possúe e que ás tardes, á hora do *footing* na Avenida Paulista, se deixam contemplar — ha variedades que não se podem dizer desgraciosas, desde o turbante alto e pregueado até os gorros baixos, fêchados por uma cinta prateada, ao redor da cabeça, encobrindo a testa. O turbante alto, com uma barrete e uma penna, são airosos e interessantes para as senhoras de estatura media. Para as altas, são horriveis e augmentam-lhes a altura.

Para as senhoras altas e magras são espantosamente ridiculos e ao vêr, de longe, uma senhora alta, magra, com o tal turbante persa, com uma penna ondulante, tem-se a idéa caricatural de um gallo persa, gigantesco! O gorrinho baixo, juxta-posto á cabeça, com um cinto largo de metal, que encobre totalmente a testa, é acachapante e francamente horrivel, seja a senhora alta e esgalgada, seja a senhora baixa e rechonchuda! Para elles, o torpedeamento por um submarino, antes que tivessem chegado a Paris, seria merecido e util.

O turbante póde ser de uma côr só ou de cores combinadas. São modelos faceis de fazer, que dispensam a modista e que qualquer moça, medianamente habilidosa, póde compôr em casa, combinando com gosto as cores, por exemplo o fundo branco, uma orla vermelha, junto ao apanhado do cabello e uma franja azul ao alto.

Além dos gorros ha ainda os chapeus de modelos persas; o quadrado, como o que usam as normalistas; o modelo de mitra; o modelo cahido sobre as orelhas, em fórma de gorro, com uma faixa, que vem do meio da cabeça, passa sobre a orelha direita e é preso posteriormente no alto do chapeu, de onde cae em forma de franja, etc. etc.

Modelo de LA SAISON

Vestido para a noite, de tulle preto, bordado com contas pretas. Corpinho degotado, enfeitado com rendas prateadas. Cinto de fita liberty côr de morango. A barra da saia formando uns bicos é enfeitada com contas e pingentes de vidrilhos

Toilettes de taffetá — As toilettes de taffetá continuam em plena moda. Muito lindos e proprios para o verão são as toilettes de gaze, com guarnições de taffetá, ou mesmo, ligeiras de velludo, dando a volta da saia. As saias continuam curtas, até a altura do tornozello (n'exaggerez pas!), com roda de tres metros na media. Os corpinhos blusados, franzidos ou drapés, golas viradas, mangas largas e compridas.

Toilette de *recepção e jantar em voile de seda, tom* rose nacré, *tulle* point d'esprit *branco com pontas bordadas a seda, entremeio de tulle bordado, em tom mais escuro que o voile, musselina de seda da mesma côr. setim liberty cor de rosa e fita de taffetá da mesma cor.* Saia bastante comprida e muito ampla, em «voile» de seda finamente pregueada, sendo as pregas que alargam gradualmente de cima para baixo, retidas a partir da quarta parte da sua altura por uma bolinha de sotache do mesmo tom do tecido e por um posponto feito com torçal de seda, ou então guarnecidas com um fio do mesmo sotache para evitar que ellas abram.

Camisinha de musselina de seda de tom mais escuro que o *voile*, terminada com golla bastante ampla e voltada em redondo no mesmo tecido.

Corpinho-blusa em «tulle point d'esprit» branco, com pontas bordadas a seda, sendo a parte superior disposta em fórma de «empiecement» e a inferior, a partir da altura do peito, na de blusa. As duas partes são separadas por um entremeio de tulle bordado de tom mais escuro que o do «voile» da saia, entremeio que cerca a frente e costas e que se allia de um lado ao outro por meio de «bretelles» dos mesmos que passam sobre os hombros.

A parte superior, que é decotada e fórma V. é guarnecida por estreito bitilho de taffetá cor de rosa, que passa por ilhozes bordados e termina na extremidade do V, sob um lacinho de fita mais larga, e a inferior abre em largo V invertido, tanto na frente como nas costas, sobre a camisinha de musselina de seda, que fórma como que uma especie de «bouffante drapé», seguindo a mesma disposição do angulo.

Cinto «drapé» em setim liberty cor de rosa.

Mangas em tulle «point d'esprit» bordado como o corpinho, bastante amplas e franzidas, guarnecidas abaixo do hombro por um entremeio igual ao já indicado para o corpinho, e terminadas com um alto punho, em entremeio mais largo ou feito com tres ou quatro ordens daquelle.

Toilette *de Casino* e matinée *em taffetá cor de rola, setim ardosia, renda e musselina de seda.* Saia redonda até á altura do tornozello e bastante larga na extremidade, em taffetá cor de róla, ligeiramente franzida na cintura, sob um «empiecement» do mesmo tecido fechando ao centro por uma banda de setim ardosia, e disposta em machos aos lados e atrás.

Corpinho um pouco justo em setim ardosia, ligeiramente franzido aos lados e atrás, abrindo até á parte superior do peito e largamente sobre um collete de renda disposta sobre um transparente de musselina de seda, collete que termina com pequeno V e fecha toda a altura da frente com botões de fantasia.

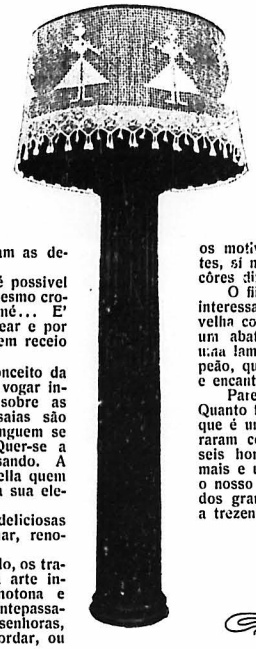
A golla, que é genero Medicis, muito alta e ampla, é em renda igual ao collete e alliada ao mesmo.

Mangas compridas e franzidas em musselina de seda, terminadas por um alto canhão em renda excedido por uma falha da mesma.

Chapéo fórma «marquis» em crina preta, guarnecido com pequenas plumas tons rola e ardosia, de entre as quaes sahem duas «aigrettes» brancas.

Marinette

Como enfeitar minha casa



Além dos trabalhos novos que temos dado a conhecer ás nossas leitoras nos nossos numeros anteriores, ha dentro do que é banal e corriqueiro, innumeros recursos para o embellezamento do lar. E' necessario para tal fim que a nossa imaginação trabalhe um pouco — e já houve quem comparasse a imaginação da mulher a um relogio com corda para toda a vida — para darmos um aspecto de novidade ás velhas coisas que já fizeram as delicias de nossos avós.

Tudo neste mundo evolue e não é possivel que continuemos toda a vida com o mesmo crochet, o mesmo filet e o mesmo macramé... E' preciso um pouco de audacia para crear e por inoffensiva a nossa se deve exercitar sem receio neste assumpto.

A originalidade feminina era no conceito da moral antiga, grave defeito; ella devia vogar inconsciente, como uma folha morta sobre as aguas correntes da vida. Hoje as saias são mais curtas e a moral diversa! Ja ninguem se contenta com a natureza morta. Quer-se a mulher espiritual e fina, agindo e pensando. A originalidade já lhe é permittida e é ella quem dita as suas modas e as convenções da sua elegancia.

Portanto nas suas pequenas e deliciosas artes ella não deve hesitar em reformar, renovar e crear.

Os trabalhos de agulha por exemplo, os trabalhos complicados dos birros, toda a arte inconfundivel, mas profundamente monotona e dispendiosamente longa dos nossos antepassados, está hoje ao alcance de todas as senhoras, com o auxilio de uma machina de bordar, ou mesmo da machina Singer, com a qual se póde fazer até mesmo o filet.

O ponto de Veneza é hoje um trabalho que se aprende em um dia e que imita perfeitamente a renda de Veneza, que era o cavallo de batalha dos tempos de antanho e que tantas lagrimas nos fez derramar no collegio!

Faz-se o ponto de Veneza, como um simples festão feito sobre um fio lançado e reposto a cada carreira, como o trabalho de remalhar, fornece-nos um lindo tecido com o qual se podem executar, com ligações de barrettes e de fundos em tulle, todos os motivos de desenho e contrastes interessantes, si nos utilisarmos de fios de grossura e de côres differentes.

O filet... Querem vêr uma coisa nova e interessante! Reparem para nossa gravura. Uma velha columna de 2m50 de altura, encimada por um abat-jour de filet, sob o qual se occulta uma lampada electrica — e eis ahi um lindo lampeão, que dará a uma sala, uma nota attrahente e encantadora.

Parece á primeira vista um trabalho enorme. Quanto filet! Bem examinado porém verifica-se que é um filet de malhas grossas, que se amarraram com uma facilidade enorme. Cinco ou seis horas de trabalho bastarão. Uma renda mais e um fundo de côr viva e está terminado o nosso bello lampeão, que faz o effeito de um dos grandes lampeões antigos que se vendem a trezentos e quatrocentos mil réis.

Emma.

TRABALHOS DE AGULHA

O "Macramé" Tendo tido grande aceitação por nossas leitoras e despertado real interesse a nossa pagina de trabalhos femininos resolvemos dar hoje um trabalho muito bo.

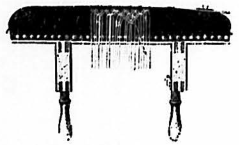


Fig. n. 1. Almofada para macramé

nito de simples execução e que tem grande utilidade para adorno de roupa de meza, moveis e tapeçarias. O «Macramé» que esteve por muito tempo esquecido reaparece para tomar rapidamente um lugar importante nos trabalhos de Senhoras, pela grande raridade de desenhos que permitte executar e pela sua durabilidade.

Este trabalho não é difficil como parece, e com as explicações que va-

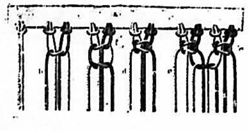


Fig. 3. Montagem dos fios sobre fasenda e nó chato.

mos dar estamos certas que nossas leitoras aprenderão logo a executal-o.

Os trabalhos de "Macramé" são compostos unicamente de nós, requerem linha muito resistente e torcida para que não se quebre durante o trabalho e se possa dar nós bem accentuados o que muito contribuirá para a belleza de nossos modelos, o que não acontecerá com uma linha fraca que produzirá um trabalho imperfeito.

Para confecção de franjas e galões para guarnecer moveis e outros objectos de interior pode ser usada a linha de pontear de D. M. C., em vez de linha de seda pode servir a linha mecerisada D. M. C. que existe em mais de trezentas côres. Estas guarnições devem ser feitas sempre com linha da cor da fazenda que vae ser adornada e se esta tem guarnições de bordado de côr pode-se intercalar no "Macremé"

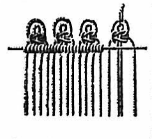


Fig. n. 6. Montagens com *picots* e nós chatos.

alguns fios de côr combinando com o bordado, tendo em vista que quanto menor for o numero de côres empregado tanto mais delicado ficará o trabalho.

A melhor linha é a «Ccdornet» 6 fios. O «Macramé» exige como accessorios uma almofada bem dura montada sobre madeira, fig. 1. ou simplesmente uma almofada de 50 cent. bem dura, para que se possam firmar bem os alfinetes.

As pontas de cabeça redonda, que se vêm sobre os lados estreitos da almofada, servem para fixar os fios de subida e os fios «porta-nós».

Nessa almofada se collocarão al-

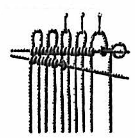


Fig. 4. Montagens de picots redondos simples.

finetes muito fortes e de cabeça redonda, fabricados especialmente para fixar os anneis e as pontas do fio; uma agulha de crochet para fazer passar as mechas dos fios atravez da fazenda, tesoura e um metro para medir o cumprimerto das mechas para que fiquem bem iguaes as pontas.

O comprimento das mechas depende do gosto de cada um, cumprindo notar que é preciso dar em demasia por causa dos nós.

As pessoas que vão fazer seus primeiros ensaios de «Macramé» deverão ter muito cuidado em conser-

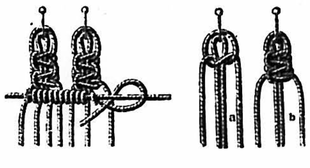


Fig. 7. Fig. 8.
Montagem com picots com dous nós chatos.

var bem estirado o fio, que conforme dissemos deve servir de «porta nós» e que chamaremos d'aqui por diante «fio-porta nós», emquanto que ao fio com o qual se executam os nós chamaremos «fio de atar».

Estes dous fios mudam muitas vezes de posição, tanto assim que aquelle com o qual se ata chama-se «fio porta-nós» ao passo que o «fio porta-nós» torna-se «fio de atar».

O laço do fio que forma o nó é uma especie de argollinha ou laçada que se aperta fortemente sobre o fio.

Montagem de um «fio porta-nós» — Collocam-se as pontas do fio sobre um «fio porta-nós». Preparam-se

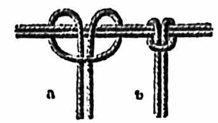


Fig. 2. Montagem dos fios sobre o fio "porta-nós"

estes fios de um comprimento que depois de dobrado ao meio fique do comprimento que se deseja. O annel que então se forma serve para firmar os fios ao «fio porta-nós» que serve de base a franja. Passa-se o annel de tras do «fio porta-nós» para a frente, passam-se as pontas pelo annel e aperta-se o nó, como se vê na fig. 2, onde o primeiro detalhe, letra A, mostra o annel aberto e o segundo

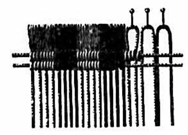


Fig. 5. Montagem de fios com cabeça franjada.

detalhe, letra B. mostra o nó fechado.

Montagem de fios sobre fazenda e nó chato — Tendo feito passar com a agulha de crochet a meio da bainha do estofo, de baixo para cima, prenda-se o fio pelo annel que se formou pela dobra do mesmo; vira-se do avesso passam-se as pontes pelo annel letra A; e tem-se assim dous fios dobrados muito perto um do outro e o primeiro lançamento de fios para o nó chato. Toma-se para este fim os dous fios exteriores dos quatro fios e faz-se passar o fio da direita por baixo e o fio da esquerda por cima do fio do meio.

Durante o movimento que se faz para crusar os fios exteriores se estendem os fios interiores com o 3.º e 4.º dedo da mão esquerda letra B. A volta dos dois fios invertidos se opéra seguindo o 3.º de-

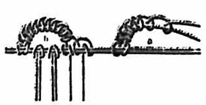


Fig. 9. Montagem defestões.

talhe letra C; depois fecha-se o fio e o nó chato esta formado, como mostra o 4.º detalhe letra D; No 5.º detalhe letra E, se vê dous nós chatos terminados; este detalhe mostra tambem como se faz um terceiro nó, para o qual se reunem dois fios da direita e dous da esquerda.

Montagem de picot redondos simples fig. 4. — Alinhae os anneis distantes de meio a um centimetro, ao meio dos alfinetes sobre a almofada; fixae o fio «porta nós» á esquerda á um dos pregos (da almofada) e estendei fortemente com a mão direita em linha estrictamente horizontal. Feito os nós da mão esquerda, tomai isoladamente cada ponta do fio retido pelos alfinetes e passal-o duas vezes, debaixo para cima, do fio «porta nós». A primeira vez o fio fixa-se a esquerda, a segunda vez passa da direita para a esquerda, de maneira que quando a segunda passagem se operar o fio fica preso entre os dous anneis ou nós que formam o «nó duplo.»

Vede na fig. 4 esta dupla laçada.

Uma serie de nós forma a primeira corrente. A segunda é igual a primeira. Estendei o fio «porta-nós» o mais perto possivel da 1.ª corrente que está prompta, afim de que fique invisivel a passagem dos fios de uma corrente a outra. As baguetes ou correntes podem ser verticaes horisontaes e obliquas, conforme se verá adeante.

Montagem de cabeça franjada fig. 5 — Estando terminada a montagem dos picots simples, segundo as explicações precedentes, cortam-se os anneis, e destorce-se a linha o que produz uma cabeça felpuda no alto do trabalho.

Montagens de picots e nós chatos fig. 6. — Tomae 2 pedaços de fio e montai-os com alfinetes muito perto um do outro, fazei um nó chato (fig. 3,) com os fios exteriores por cima dos fios interiores e lançai as pontas do fio porta-nós para fazer uma baguete ou corrente de nós.

Montagem de picots com dois nós chatos figs. 7 e 8 — Fixai as duas pontas do fio como na fig. precedente, fazei um primeiro nó chato, depois um segundo nó, conforme o detalhe 7, letra A, que mostra o começo do nó e terminai por dois nós, detalhe letra B. A fig. 8 mostra os picots fixados por uma baguete de nós horisontaes.

(Continúa no proximo numero).

(Revista Feminina de S. Paulo. Extr.)

REMESSAS PELO CORREIO: — Attendendo ao pedido de grande numero de leitoras resolvemos enviar ás nossas leitoras do Interior, os artigos necessarios para trabalhos de agulha. Todos os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia e mais 600 réis para porte. Os artigos que não puderem seguir pelo Correio, serão enviados por estrada de ferro, frete a pagar.

Ricos albuns de modelos. *Tamanho grande gravuras nitidas e desenhos irreprehensiveis, para trabalhos, a saber:* **Filet Richelieu,** *um 1$000* — **Bordados com Matizes** *(com desenhos decalcaveis) — um 4$000* — **Ponto de cruz,** *colloridos* — **Bordados sobre etamine** — *um 4$000 a serie de tres 11$000.* — **Bordados sobre etamine colloridos,** *um 2$500.* — **Trabalhos** *variados sobre seda, linho, algodão e motivos de renda, um 4$000.* — **Filet bordado,** *um 3$000.* — **Renda** *de Teneriffe ou inhandutg, um 3$000.* — **Trabalhos diversos para Senhoras,** *um 3$000.* — **Renda renascença** *com desenho em panno, um 3$000.* — **Rendas e franjas macramé,** *um 3$500.* — **Tricot,** *um 4$000.*

Renda feita em grampo *sobre filo, um 2$000.* — **Bordados sobre Filet ou labirynto,** *um 2$500.* — **Dezenhos** *ponto de talagarça de cruz colorido, crivo labirynto, modelos grandes, cada um 600 reis. (Temos uma grande variedade) — Lã para tricot e crochet, preta, novellos de 20 grammas, 500 réis. — Linha branca para crochet em pacotes de ¼ de kilo, 3$000. — Linha para renda irlandesa em meadas, cada uma 800 réis. — Cadarço de lã varias cores em peças de 20 metros, cada 4$200. — Suadores para blusas transparentes o par 4$000. — Veludo de seda — artigo superior, azul claro proprio para trabalhos, metro 5$000. — preço de occasião.* **Cordão de seda,** *grosso, metro 400 reis, idem um pouco mais fino, 300 reis, papel chimico para desenhos, cada folha 500 reis.*

TRABALHOS DE AGULHA (CONTINUAÇÃO DO TRABALHO DE CROCHET DE NOSSO NUMERO ANTERIOR)

Repete-se desde ❁ (da 8.ª volta, depois 1 ms. e 3 ma. dentro de cada aberto em toda a volta e 7 ma. dentro do aberto nos cantos, em toda a roda da applicação, termina-se então com um ponto dentro da primeira ma. corta-se a linha e remata-se.

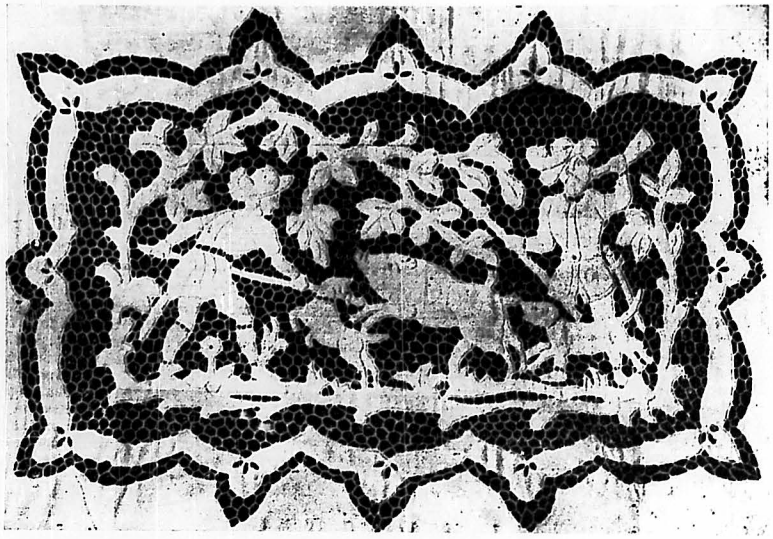
Para a renda dos bordos. 1.ª Volta.-Faz-se 2 metros de ms. depois, salta-se 8 ms. e faz-se 1 md. dentro do nono ponto, para formar o primeiro aberto, ❁ depois faz-se 2 ms. salta-se 2 ms., 1 md. dentro do ponto seguinte; repete-se desde ❁ até o fim da carreira e depois corta-se a linha. 2.ª Volta 1 md. dentro da primeira md. 4 ms. salta-se os 5 pontos seguintes, depois faz-se dentro da md. seguinte 1 brd; 4 ms. 1 brd. 4 ms. salta-se os 5 pontos seguintes, depois faz-se 1 ma, dentro da md. seguinte; 11 ms. e vira-se 1 dupla brd. dentro da brd. seguinte; 1 ms. 1 dupla brd. dentro da brd. seguinte. 11 ms. e 1 ponto dentro da ms. seguinte, vira-se e faz-se sobre as 11 ms., 3 ma., 1 p., 3 ma., 1 p., 3 ma., 1 p., 3 ma., depois 6 ms., salta-se 1 ms. e faz-se dentro das 5 ms., 1 ma., 1 meia md., 1 md., 2 brd., salta-se 2 duplas brd., e faz-se sobre as 11 ms., 3 ma. 1 p., 3 ma., 1 p., 3 ma.) depois 1 ponto dentro dos 2 abertos da ma. seguinte uma ma., e um ponto dentro de cada um dos 5 fechados da volta anterior, 5 ms., 1 ma., 2 abertos dentro a ultima ma., 5 ms., 1 ma., dentro dos dois abertos da ma., que acabamos de fazer, 5 ms., fazer ma., dentro dos dois abertos da ma., que acabam, salta-se as 2 ms. seguintes da volta anterior, e faz-se 1 ma., em cada uma das 7 fechadas, repete desde ❁ até o fim da volta, corta-se a linha. O bordado desenhado é feito em setim liso com cravos bordados como mostra a gravura.

Para a dupla malha lança-se a linha sobre a fisga e liga-se com um ponto no começo; lança-se ainda a linha uma vez e pucha-se através de 2 dos 3 abertos agora em cima da fisga; lança-se a linha uma vez mais e pucha-se os 2 abertos restantes; Repete-se dentro de cada ponto fechado, quantas vezes requer o modelo. Para o meio duplo malha colloca-se a linha sobre a fisga do mesmo modo que para a dupla malha, e pucha-se um ponto para começar o trabalho, lança-se a linha ainda uma vez e pucha-se todos os 3 abertos que estão na fisga; Pucha-se todos os pontos do mesmo modo. A brida é feita do mesmo modo que a dupla malha, excepto a linha que é lancada 2 vezes em redor da fisga antes de começar a puchar os pontos; depois a linha é lançada sobre a fisga 3 vezes, sendo antes puchado através de 2 pontos cada vez.

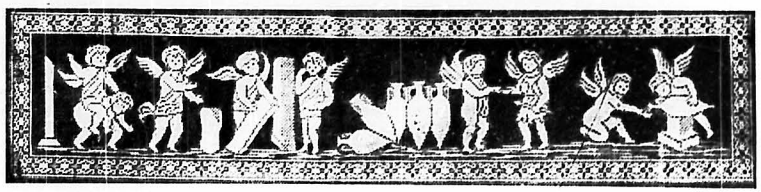
Dupla brida é trabalhada do mesmo modo que a brida, porem a linha é lançada sobre a fisga 3 vezes, em vez de duas. As malhas são feitas do seguinte modo: depois de começado introduz-se a fisga em cada malha e pucha-se a linha, através delle e o aberto tambem.

NOTA: — Uma das nossas leitoras escreve-nos perguntando-nos si ha alguma machina de costura, com a qual possam fazer os trabalhos de agulha, as senhoras que por falta de tempo ou de paciencia não os queiram fazer a mão. Temos a responder que com a machina Singer se podem fazer todos os trabalhos de agulha, até mesmo o filet. Vimos na agencia Singer, desta Capital, lindos trabalhos de agulha, que causam pasmo, quando se sabe que são feitos á machina. Aliás a machina Singer, que já as nossas avós conheciam, não ha nenhuma de nossas leitoras que não conheça, pois já ha mais de cincoenta annos vive em todos os lares e é em todos, a preciosa auxiliar das donas de casa.

TRABALHOS FEMININOS



Painel para centro de colcha, de store ou de almofada, 60 cent. × 40. Linon. Seguem-se os contornos e fazem-se as bridas muito regulares, como um mosaico, desenhado inteiramente sobre o tecido. Tres fios são superpostos ás bridas que se conjugam e são mantidos por pequenos pontos a cavallo que as fixam ao tecido. Prompto o esqueleto cosem-se os tres fios á ponto de festão. Terminado o fundo seguem-se a ponto de festão todos os contornos exteriores do desenho, por sobre os pontos. As linhas interiores, as linhas das roupas, as nervuras das folhas, etc. são feitas ao cordonnet



Linda amostra de filet. Estylo pompeano. Cupidinhos vendedores de azeite. 1 m. 30 × 29. — 458 malhas de um lado e 101 de outro lado

Vestidinho para creança de 6 mezes a um anno.

Lan e algodão perlé. Começa-se pelas costas do collete. Faz-se uma cadeia de 40 m. Levantam-se em seguida todas as malhas que são conservadas sobre o crochet. Na 3.ª carreira toma-se a outra extremidade de crochet e o algodão e com este vasam-se todas as m. 4.ª fila — Levantam-se as malhas com o algodão; 5.ª fila vasam-se as m. com lan e um augmento em cada extremidade; 6.ª e 7.ª o mesmo que 4.ª e 5.ª; 8.ª — levantam-se as m. com o algodão e não se augmenta; 11.ª um augmento; 12.ª não se augmenta. Na 13.ª começam-se as mangas. 18 m. chainettes de cada lado e sobre ellas 22 carreiras de tunisiano. Na 23, deixam-se 8.m de cada lado das costas e trabalha-se em seguida só sobre um lado das costas. 24.ª — Uma diminuição para começar a gola — 25-26-27-28-29. — uma com outra sem diminuição. Da 30.ª carreira em diante uma diminuição de duas em duas carreiras. Nesta carreira abandona os 18 pontos da manga e só trabalha sobre a frente, fazendo um augmento adiante e uma diminuição sob o braço 13 carreiras sempre assim. Retomar então o outro lado do corpinho, desde a 23.ª carreira e repetir o que se fez para o primeiro lado. Ao redor da gola fazer uma chainette de algodão perlé e sobre ella longas barretes de lan, de crochet grosso, de 3 centim., fechadas com algodão. As mesmas barrettes para terminar as mangas e para a cintura. **Saia** — Para a saia não se emprega o ponto tunisiano. E' feita em lan. Fazer uma chainette de 126 m., que se fecha, para trabalhar em redondo, com barretes alternadas de mouchêts. Faz-se o mouchet sobre uma barrette da cadeia precedente. Lança-se o pó sobre o crochet, passa-se o crochet por baixo da brida. Obtem-se assim tres argolas sobre o crochet com o jeté. Um jeté, passar sob a mesma brida um jeté, puxar o fio sob a brida; obtem-se 5 bridas sobre o crochet. Repetir a mesma coisa; obtem-se 7 argolas. Lançar o fio e passar atravez a porta; apertar com uma malha solta. Sobre a chainette precedente fazer uma barrette sobre a 1.ª m.; uma outra sobre a 2.ª m.; um mouchet sobre a 3.ª m.; um mouchet sobre a 4.ª m., uma m. solta, 2 barrettes em uma m. seguinte da chainette, uma m. solta, 2 barrettes na mesma m. chainette, uma m. solta, um mouchet na chainette seguinte; um outro mouchet no ponto seguinte. Repetir 18 vezes esta operação para a 1.ª carreira. Fazer assim 15 carreiras. A 16.ª carreira igual, mas em algodão. Fazer mais 2 carreiras em lã. **Renda** — Uma barrette entre 2 mouchets da carreira precedente; 6 barrettes separadas por uma m. solta e picar entre as 2 barretes da volta precedente; recomeçar desde ❁. Terminar com um picot em algodão. Armar o corpinho na saia com uma chainette.

DISTANCIAS...

PERSONAGENS

HELENA . . . . 38 annos
PAULO . . . . 25 annos

SCENA I E UNICA

O scenario representa uma salinha confortavel, onde, á luz de uma lampada, Helena, envolvida num rosco kimono que lhe adoca a physionomia, lê tristemente, circumdando de quando em vez um longo olhar melancolico para a sala vasia. Helena é linda, mas a sua belleza principia a fanar-se, emquanto que a graça das suas attitudes e dos seus gestos augmenta todos os dias e encanta todos que a conhecem. Uma porta abre-se e Paulo, exuberante de mocidade e de alegria penetra na sala.

Paulo *(sentando-se numa almofada aos pés de Helena e beijando-lhe as mãos)*

Sòzinha? E que ar triste? Que ha, amor meu?

Helena *(sorrindo)*

Nada, querido. Lia, emquanto esperava-te.

Paulo *(alegre)*

Como está confortavel esta nossa salinha! Como é delicioso estar a teu lado.

Helena *(meiga)*

Achas isso e vens tão tarde. Por que?

Paulo

Oh! As mulheres abusam dos por que! Não achas?

Helena *(acariciando-lhe os cabellos)*

Talvez, querido; mas só abusamos dessa palavra quando amamos, não pensas assim?

Paulo *(mirando-a)*

Mas, acho-te triste, Helena. Que tens tu?

Helena

Nada. Estou sempre assim agora. A minha physionomia encadernou-se em linhas descendentes e os meus olhos têm a mirada funebre.

Paulo *(sorrindo)*

Coquette! E's assim, porque sabes que o teu rosto de madona fica mais encantador quando a melancolia o vela docemente e que a expressão ternamente triste dos teus olhos augmenta a seducção, não é assim?

Helena *(séria)*

Não, Paulo, não. Estou triste mesmo. A vida para mim cerrou-se de negro e só tenho uma ultima alegria que é a tua presença e o teu amor.

Paulo *(meigo)*

Por isso tambem não te deixo quasi. Entretanto, não te quero melancolica assim. Se o presente é um pouco tetrico, o futuro será roseo, será cheio de alegrias e de venturas.

Helena *(pensativa)*

Ah! O futuro...

Paulo *(admirado)*

Sim, o futuro. Porque não?

Helena *(triste)*

Ah! querido. O meu futuro é mais triste ainda do que o presente, porque nesse, apesar de tudo, eu tenho o teu amor forte e moço, que me consola tanto! Mas, no futuro, que me restará, meu Deus! Sou mais velha do que tu, Paulo!

Paulo *(insinuante)*

Não digas tolices. E's linda e eu te amo e amar-te-hei sempre, crê!

Helena *(sorrindo)*

Não te promettas assim. E se eu ficar velha e feia?

Paulo *(terno)*

E' impossivel. Uma mulher como tu nunca envelhece nem enfeia. Só as estupidas apanham essa inferioridade. Mas, dize-me cá: sais-te hoje?

Helena

Sim, sahi, e depois de receber uma carta de minha filha, muito aterrada com o parto proximo, assim, longe de mim, numa fazenda distante, e más noticias da minha pobre mãi, que morre um pouco todos os dias, victima daquella molestia horrivel para a qual os medicos não acham remedio.

Paulo *(indifferente)*

Ah! é terrivel?

Helena

E tive uma sensação tão exquisita ao ler aquellas duas cartas, que me vesti febrilmente e sahi. Esquecia-me que era sabbado e que a multidão corria á Avenida em busca de alegria ficticia das multidões agglomeradas e, repentinamente, achei-me no meio de uma população que se empurrava e que se mirava quasi com odio. Senti-me tão isolada, tão triste naquelle meio de frivolidade e de *coquetterie*, que quasi te telephonei, chamando-te.

Paulo

E por que não o fizeste?

Helena *(sorrindo)*

Oh! por que? Porque nunca se deve telephonar a um advogado para que elle nos examine a alma doente. Se fosses medico..

Paulo

Que tolice! Achas então que, mesmo advogado, eu não dissiparia a tua tristeza?

Helena

Póde ser. Conheces, porém, tão pouco a minha filha e nunca viste a minha mãi, que não pódes absolutamente compartilhar do meu soffrimento. E depois, tens vinte e cinco annos e as dores, mesmo as tuas proprias, serão superficiaes e passageiras, felizmente para ti.

Paulo *(alegre)*

Graças a Deus! Penso como tu.

Helena

Ah! meu Paulo, escuta-me bem e vê se és da minha opinião. Quando nascemos, a natureza nos dá uns oculos pelos quaes nós devemos enxergar a vida até a morte. Os vidros desses oculos são primeiramente foscos, porque em pequininos nada enxergamos, não é verdade? Depois, elles vão clareando e augmentando á medida que nós nos vamos desenvolvendo e na aurora da vida, aos vinte e tantos annos, tua idade, elles são admiraveis de claridade, illuminados, deslumbrantes, quasi divinos. Em seguida, elles vão se turvando, se enfumando e deixando tudo ver cor de cinza, nublado, como através de um véo de lagrimas. São esses oculos que eu uso agora, meu Paulo!

Paulo *(beijando)*

Ah! Helena, tire esses oculos e não penses mais em coisas tristes. Tudo acabará por se arranjar, verás!

Helena *(triste)*

Sim, mamãe morrerá e minha filha gemerá e soffrerá longe de mim. São os teus oculos divinos que te fazem ver as coisas assim, mas os meus carregam um pouco mais nas cores infelizmente!

Paulo

Bom. Não te quero ver assim melancolica. Falemos de coisas mais alegres. Sabes quem esteve lá no escriptorio? O Mendonça. Contou-me tantas anedoctas, que me ri quasi a sentir-me doente. Pedi-lhe que se calasse, pois de outra maneira teriamos que chamar a Assistencia. E' encantador o Mendonça!

Helena *(sorrindo)*

Sim, o Mendonça é encantador e deve ser muito espirituoso para te fazer rir tanto.

Paulo *(alegre)*

Quando chegámos á Avenida, que regorgitava de moças, as reflexões delle eram tão impagaveis, que eu era obrigado a conter o riso para não ser insolente. E conhecedor! Mostrava-me cada carinha bonitinha, cada *toilette chic!* Um companheirão!

Helena *(triste)*

Então, divertiste-te com o Mendonça?

Paulo *(gesticulando)*

Sim e muito. E, depois, eu gosto de ver as ruas cheias, de sentir passar por mim o fremito dos desejos e dos anceios dos que me cruzam. Ha olhares femininos que se pousam em mim, rapidos, fugazes, mas implorativos de amor, de desejo e de fusão. E' rapido, mas sinto a scentelha que passa por mim e isto me basta.

Helena

Felizmente para mim.

Paulo *(arrependido)*

Isso é litteratura, Helena, só litteratura. Não ha mais nada.

Helena *(triste)*

Não é só literatura, Paulo, é a tua mocidade que extravasa, que anceia por todas as sensações, por todos os gozos. Ella te leva para a frente, sempre para a frente, querido!

Paulo *(meigo)*

Ella só me leva para o teu amor, Helena, só para o teu lado, crê!

Helena *(resignada)*

Sim, creio que assim seja, emquanto eu tiver força e talento para encurtar as distancias que nos separam.

Chrysanthême.

O MENDIGO

I

Com a prece no olhar, no olhar torvo e parado,
Lá ia o pobre, roto, immundo, sem destino...
Devorava-lhe o peito a fome de Ugolino
Na torre enclausurado.

Ao gemido mais triste e amargo que soltava
Apenas o silencio em torno respondia
E a lagrima que após do vaso da agonia
Aos olhos lhe assomava!

Alquebrado, sem força, andava quasi a rastos.
Fazia tanto frio e a roupa era tão leve!...
A noite ia cahindo, ia cahindo a neve
Por sobre os campos vastos.

E lento, devagar, pois que em pé mal se tinha,
Lá ia o desgraçado... Eis senão que do rosto
Como se lhe dissipa a nuvem d'um desgosto:
- Além vê uma luzinha!

Para lá se dirige. E' uma choupana pobre.
Bate á porta de leve, a medo, receiosa.
— "Quem é?"
— "E' um infeliz. O tempo está neroso,
" Nenhum tecto me cobre.

" Dai-me um logar ahi! Oh! Como a neve é certa!
" E' tão dura e tão fria a cama no caminho!...
" Uma esmola por Deus! um caridoso ninho!
" Abri-me vossa porta!"

Alguem que o tinha ouvido — alma aberta á piedade —
As portas abre logo e subito apparece
Uma mulher, em cujo olhar boia uma prece
A' luz da caridade.

— " Entrae irmão, que entraes na casa da pobreza!
" Nem sempre temos pão, a nossa tulha é pobre,
" Mas quando ha nella algum — ninguem aqui o encobre:
" São vossas cama e meza!"

II

Um noite, mais tarde, o velho do mendigo
Já nem podia andar.
Achara-se outra vez com fome e sem abrigo!
Não! sem abrigo, não que tinha o manto amigo,
O manto do luar!

Podia, pois, passar aquella noite toda
Ao relento, a dormir.
Se não fosse a barriga andar-lhe assim á roda...
N'aquelle aureo palacio haria alguma boda!...
Bem lá podia ir!

E poz-se então fitando as gothicas janellas
Bordadas de jasmim.
Que alegria! pensava. E vinham-lhe por ellas
Vozes, risos joviaes, tinidos de baixellas:
Os ruidos d'um festim.

Faminto lá se arrasta, os pés e as mãos tremente,
A' porta principal.
Mal porém lhe transpõe os rigidos batentes,
Feroz matilha o cerca, a arreganhar-lhe os dentes,
N'um ladrar infernal.

Um servo logo acode ao rumor da canzoada,
Que foge a dada voz.
Vê-se por uma porta a meza engalanada!
E a vista do mendigo alegra-se encantada
E humedece-se após

— " Uma esmola, senhor!, diz com accento rouco.
Uma codea de pão!"
Ao que logo alguem brada:
— " Adiante!... Não foi pouco
Livrarem-te dos cães! Os restos, pobre louco,
Nem para elles dão!"

Brito Mendes

O MENU DE MEU MARIDO

Cestinhas de legumes

Um dos modos mais modernos e elegantes de servir legumes é collocal-os em bonitas caixinhas proprias para esse fim. São pratos especiaes para almoço e produzem um lindo effeito e com o minimo trabalho, porque podem ser preparados muito antes do almoço.

As cestinhas são feitas de segurelha.

Preparados põe-se num prato e assa-se no forno, enche-se depois com a macedonia de legumes, misturado com mayonnaise e marmelada de colubrina.

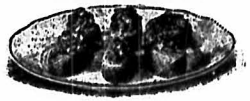
Costelletas de appetite

Cortam-se as costelletas de carneiro eguaes, e depois de bem aparadas e batidas entre dois pannos com a pranchn da faca, molham-se com manteiga ou toucinho derretido, e tempera-se depois com sal e pimenta, cebola e salsa picada, e pulverisadas com farinha de biscouto, põem-se a assar na grelha, pingando aos poucos manteiga e succo de limão.

Couve flôr especial

Cosinha-se em agua com uma colher de manteiga a couve inteira, tirando-se-lhe todas as folhas verdes; escorre-se-lhe depois toda a agua, tendo o cuidado de não a partir, colloca-se em um prato de maneira que fique o talo assentado no prato; cobre-se de ovos batidos e pão rallado e vae ao forno. Serve-se no mesmo prato.

Batatas recheadas



A simples illustração das caixinhas de batatas recheadas já as explica são feitas com batatas cosidas, esmagadas e temperadas com gemmas de ovos e passadas em pó de biscouto e ovos e depois fritadas em gordura quente. Enche-se com vegetaes ou com ragout de frango ou de carne.

O QUE UMA BOA DONA DE CASA DEVE SABER

OS ALMOÇOS

COMO o tempo deve ser tido por toda a gente em conta muito preciosa, não se costuma convidar as pessoas para almoços muito demorados. Essas refeições limitam-se muitas vezes a almoços de intimidade de pessoas amigas, que se reunem para irem a passeio, ou ao caso da chegada inesperada de qualquer pessoa da familia.

Se a dona de casa foi, em taes casos, surprehendida de imprevisto, resta-lhe supprir tanto quanto possivel a deficiencia do almoço augmentando-o com um ou dois pratos arranjados á pressa como sejam omelette, presunto, rins, etc.

A refeição deve ser de sustancia e acompanhada de alguns extraordinarios ou superfluidades. O almoço compõe-se geralmente de carnes grelhadas, costelletas, bifes, ovos, batatas guisadas e aigum prato de verdura. A refeição completa-se com fructos. O café deve ser tomado á meza havendo varios modos de o servir.

Para os almoços de cerimonia a mesa deve ser posta como se fosse para um jantar, não se pondo colheres junto aos pratos. A toalha deve ser de tecido adamascado orlada de uma cercadura de côr, em cima da toalha deve-se collocar no centro um *chemin de table* de rendas ou de linho fino bordado, tendo em cima uma jardineira com flores frescas e perfumadas. Quando ha bastante espaço costuma-se collocar junto de cada conviva pequenos porta flores com delicados ramalhetes; os guardanapos devem ser dobrados em differentes tamanhos modelos; o pão deve estar cortado e em cima do prato; os copos que devem ter differentes tamanhos, collocam-se diante do prato servindo o maior para o vinho mais ordinario, o outro um pouco menor para o vinho Borgonha e o menor para o Madeira ou Xerez.

O vinho é servido em jarros de crystal com pés de prata, a agua em garrafas de aza. Os jarros e as garrafas collocam-se sobre pequenas toalhinhas de fazenda ornadas de renda e devem ser em bastante quantidade para que os convivas não se vejam forçados a extender o braço a fim de se servirem; não devem em todo o caso essas vasilhas occupar a meza de maneira incommodativa.

Ao lado de cada conviva deve-se collocar um saleiro.

Não se usa descanso para faca, quer em prata quer em crystal.

Numa bandeija de prata ou imitação, deve dispor-se um sortimento de superfluidades contidas nas azeitoneiras, devendo se dar a estas uma graciosa disposição, para a qual muito contribuem as conchas de crystal rosa ou branco.

As superfluidades mais em uso são azeitonas, manteiga fresca, sardinhas recheiadas, salchichão, filets de de enchovas, o lagostim e os pepinos e beterrabas em salada. Ao lado de cada azeitoneira deve-se collocar uma pinça, um garfo ou uma colher para servir.

A creada (vestida de preto e avental branco) deverá trazer á sala de jantar em uma bandeija de prata, as chavenas, os bules, com chá e café e o assucareiro, collocando-a em uma mezinha portatil a esquerda da dona da casa. Ella então encherá cada uma das chavenas, passando-as aos convivas.

Tanto os licores como os copos em que estes hajam de ser servidos, devem ser tambem collocados em bandeijas. As chavenas e respectivos pires devem ser dispostos em pratos de sobremeza.

Para assistir o almoço é costume trajar o facto de passeio, muito bem cuidado; e nos almoços de cerimonia é costume vestir fraque; em todo o caso as Snras. devem apresentar um traje distincto.

Manda o protocólo do bom tom que as Senhoras se conservem de chapéo nos almoços elegantes.

O Menú. Sua composição

Compor um menú, não é das coisas mais faceis.

Para as donas de casa que têm um bom cosinheiro, cumpre somente verificar a lista dos manjares que lhe é apresentada. Porém tanto não acontece á dona de casa, que apenas dispõe de uma cosinheira e de um orçamento restricto.

Para estas a confecção do menú é mais difficil e por isso vamos auxilia-la.

Servir primores é uma coisa muito distincta mas muito dispendiosa.

O mais sensato é recorrer aos fructos e legumes da estação, apropriando-os e preparando-os muito bem.

(1.º prato). Ostras cruas.

As ostras são servidas em um prato proprio que tem 7 covas semelhantes a concha da propria ostra. Ao centro fica a setima cova onde se colloca um limão e nas outras 6 covas as ostras abertas.

Cada conviva deve ter na sua frente um desses pratos, e um garfo pequeno de 3 dentes curtos e achatados. A borda lateral deste garfo deve ser cortante.

Pega-se na concha da ostra com a mão esquerda; com a mão direita e com a borda do garfo despega-se o musculo que une a ostra a sua concha; pousa-se em seguida o garfo e com a mão direita expremem-os algumas gottas de limão sobre a ostra; a seguir toma-se o garfo que se faz deslisar por baixo da ostra que se leva a bocca.

O vinho que se serve com as ostras é branco.

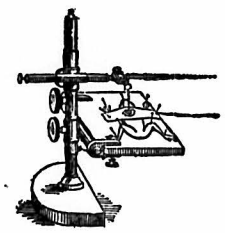
O ETERNO FEMININO : do caricaturista americano WALLACE MORGAN

A PIEDADE E A SCIENCIA

No momento actual, em que a guerra quasi universal, faz-se acompanhar do seu tetrico cortejo de horrores e crueldades, é curioso assignalar que ha na Europa quem se preoccupe e proteste contra as experiencias de laboratorio, sobre animaes vivos e se esqueça por elles das barbaridades que se commettem, em nome da humanidade, contra a humanidade.

Ha mesmo um orgam de publicidade *L'Antivivisection*, dedicado exclusivamente ao assumpto e são delle a gravura que illustra esta noticia, bem como os seguintes commentarios:

« Porque sacrificar pobres animaes para o estudo de laboratorio, porque ser cruel em nome da sciencia? Passam-se nos laboratorios verdadeiros crimes, que é necessario evitar e punir e em nome da sciencia, os vivisectores não fazem mais que exercer uma crueldade innata. Citemos alguns exemplos:— Alguns medicos quizeram saber qual era a capacidade pulmonar minima, compativel com a vida. Tomaram um cão; ligaram-lhe as quatro patas; fixaram-lhe e immobilisaram-lhe o corpo e a cabeça; abriram-lhe em seguida o corpo e cortaram um pedaço dos pulmões. A experiencia não lhes deu resultado porque o cachorro morreu, de espanto e de dôr. Tomaram então um outro cão, ligaram-n'o solidamente e afastaram-lhe os pulmões para a cavidade pleural, por uma injecção de azoto não absorvivel. Desta vez obtiveram resultado mais satisfactorio; o cão só morreu depois de 24 horas! » E continuam os antivivisectores: « Viu-se ainda espectaculo mais horrivel: 2 vivisectores ligaram as extremidades da jugular e da carotida de um cão de grande talhe ás extremidades das mesmas arterias de um cão menor. Quando a circulação do sangue se estabeleceu as cabeças dos dois cães, decapitaram o menor delles — e de segundo em segundo, annotavam calmamente os phenomenos vitaes que persistiam na cabeça soldada ao corpo visinho, e apresentaram-lhe agua, assucar e outras substancias, que a lingua tentou lamber. Eis aqui o resumo de suas notas: « 10 m. 405: — sobresaltos de toda a cabeça a cada esforço respiratorio ; 12m.47: a lingua afasta-se quando apertada por uma pinça — 13m.45; um longo uivo de agonia — 15m.20 morte definitiva da cabeça. »



Estudo das palpitações do coração, posto a nú, de uma ran viva

Um jornal de Paris, commentando, diz: « São factos que lembram opportunamente que entre o animal e o homem, o mais humano não é o homem. No inicio de todas as grandes descobertas, verdadeiramente proveitosas á humanidade, descobre-se um principio de bondade, de generosidade, de piedade. Nós nos arrogamos todos os direitos sobre os animaes. Não os deixamos nascer senão na medida de nossas necessidades. Toda sua vida deve ser empregada em nosso serviço. Logo que elle nos deixa de ser util para o trabalho, matamol-os, pela sua carne, pela sua pelle, pelos seus ossos. E ainda, sem nenhuma piedade, não hesitamos em abrir-lhe as veias, em moer-lhe os ossos, em rasgar-lhe as carnes, em plena vida, para experiencias que muitas vezes não passam de simples curiosidade vadia de laboratorios inoccupados! »

Perguntamos agora nós aos ardentes antivivisectores: — Si vos preoccupaes tanto com os sacrificios necessarios ao adeantamento da sciencia, deveis saber que medicos e experimentadores têm havido que se têm immolado expontaneamente á sciencia, fazendo experiencias em seus proprios corpos e sacrificando a sua vida em proveito collectivo. Não se póde pois accusar uma sciencia que só tende ao bem da humanidade e que tem assignalado a sua marcha, com marcos de sublime abnegação e estoicismo.

De tão ardentes apostolos antivivisectores, quantos estarão neste momento na guerra, empregando com prazer e volupia todos os meios de tortura e de exterminio contra os seus semelhantes!

Ha porém sentimentalismo assim; commovem-se com o lamento de um animal e atiram-se encarniçados á caça do homem...

A ALMA DE UMA CREANÇA

PEONIAS

I

A minha recordação que mais distante alcança é uma recordação de ternura enfloresceida e melancholica.

Tinhamos, em Paris, um jardimzito, onde a peonia dava em profusão. Era a flor favorita de minha mãe. E, na primavera, e no outomno, todas as manhãs, quando eu accordava, achava, na colchasinha branca da minha caminha, peonias.

Flor de abril e flor de outubro, um pouco descorada, de um violeta suave, fina corolla sem perfume, a peonia fala baixinho, sem paixão; tem principalmente a graça outomnica; nella vejo como um sorriso entristecido e bom de alma que parte a uma alma que vem.

Por muito longe que vá, na minha vida em inicio, confusa, a minha memoria, nada ai senão uma peonia, uma flor suave que me fala da meiguice expirante de minha mãe, que, effectivamente, morreu tempos depois. Não me lembro de nenhuma de suas caricias, a não ser essa. Singular caricia que tem a forma e a cor de uma florzinha triste, a que não se deu perfume para ser inoffensiva.

Tal é, nas minhas recordações, o meu primeiro encontro com a Vida.

II

PHANTASMASINHOS

A creança, após si, disse Victor Hugo, deixa muitos phantasmasinhos de si propria. São imagens successivas do mesmo ser, que, differentes todas, se assemelham.

Tinha vontade de os evocar, um por um, a esses phantasmasinhos, fazel-os apparecer na ordem em que elles se formaram, depois se destacarem de mim para ir perdidos no espaço e no tempo. Tinha vontade de lhes mostrar os traços que são differentes e os traços que são parecidos; tinha vontade de dizer de que modo, sob que influencias, os espectrosinhos se modificam; tinha vontade, emfim, de encontrar, de novo, em cada um delles, o que foi irreductivel, o que já pertencia bem ao primeiro, o que, no ultimo, e mesmo no eu actual, subsiste e resiste, indestructivel talvez... a alma. *Jean Ajicard*

PARA A REVISTA FEMININA

CARTAS DE VIAGEM

IMPRESSÕES SOBRE O PARANÁ

POR MARIA RAMOS PIEDADE

Como para a entrada de um bello templo exige-se um imponente portico, penetremos em Coritiba pela via-ferrea que liga Paranaguá áquella Capital.

Vamos sentir de perto o desporto do abismo, o fremito, a vertigem, a doença que se sente n'alma ao enfrentar aquelle bello horrivel!

Não é preciso buscarmos no norte do nosso continente, a satisfação para a exigencia das phantasias creadas em nossos cerebros, com a impetuosidade da Niagara Falls, onde a nossa alma vibra de terror e deslumbramento, não!

Aqui bem perto, no nosso visinho Estado do Paraná a natureza caprichosa creou o mais solemne dos espectaculos, que jamais a imaginação havia architectado. E, desse concerto da natureza com o sêr humano, sahiu victorioso o homem.

Vamos verificar de perto quanto de a sua temeridade, o seu arrojo.

E, quando esse homem é um brasileiro para quem se olha com a inferença do nacional, como que se ete no cimo do coração esbaterem-as lavas de um vulcão ainda desthecido.

Fica confirmada a aptidão do Brasiro para qualquer emprehendimenousado, uma vez que na pessoa dr. Teixeira Soares, com intelliia se contemple aquella obra priaquella estupenda maravilha tech-, brasileira.

A arte operou milagres. O hoi desceu até ao amago do preci-, sondou-o, estudou-o, e, depois como o anjo do mal sobre a Ararat, riu-se, escarneceu do que viu, e impoz aos elementos a sua vontade.

E' o que o leitor verá se quizer bondosamente seguir commigo por esta estrada.

Vamos subir, pois que o trecho de Morretes para cima, é o de mais importancia. Vamos deixar esta cidade e o Porto de Cima, tambem, para traz. Vamos vêl-as agora de longe, tão brancas, atravez da distancia, como uma nebulosa encrustada numa grande esmeralda.

Vamos escalar a serra; e, a medida que formos subindo, admirêmos o abismo com todas as suas modalidades, com a exuberancia de suas nuanças, multiplas e veremos que ha occasião em que descremos da verdade real que temos ante nossas vistas, e que fixamos emfim.

Não vemos, sonhamos!

— E' uma visão dantesca!...

Fica-se immovel. Reprime-se a respiração.

A vertigem attingiu o maximo da altura para uma via funicular. A atmosphera é cada vez mais leve, mais subtil. Em haustos grandes póde-se encher os pulmões, e no entanto o terror não deixa livre essa expansão natural da vida. O bello horrivel que ora representa a tragedia da natureza, nos aniquilla, nos assombra; e, quando no extremo desse sentimento nos achamos eis que o scenario se muda — a impressão é outra agora, e mui diversa.

Vamos transpor uma das quarenta pontes metalicas que ligam aquelles precipicios.

Esta não é das mais extensas, nem a mais alta, e, no entanto, lá em baixo quanta suavidade, que adoravel frescura!

Os veios d'agua varando seixos alvinitentes e as plantas aquaticas embaladas pela brisa! E, nós, tão alto,

a contemplarmos a exuberancia dessa floresta tropical, sempre verde na primavera eterna de sua garrida vegetação.

Mas não ha tempo para divagações; um tunnel, outro, outro ainda desembocando subitamente sobre outra ponte, e, dando-nos com a idéa do imprevisto a illusão que vamos tombar no abismo.

O scenario muda de instante a instante. Outra ponte mais ainda, outro tunnel e a apotheose da luz nos sensibilisa a retina, na vastidão do quadro.

O panorama é vasto.

— A matta é exuberante.

Cachoeiras, serras e serras, são vistas á distancia; mas a curiosidade do touriste não está completa.

Elle exige mais, solicita novas perspectivas, anceia pela luta que se vae travar entre o sublime e o terror.

A locomotiva silva, pesadamente, annunciando a entrada do viaducto «do Carvalho», que é o mais perigoso existente naquella linha, e, cujo leito encravado na rocha nua e descrevendo sobre ella violenta curva, está ainda a beira de precipicios horrorosos, sem parapeito algum interposto entre o comboio que o vae transpor eo abismo insondavel.

Ha um torpor geral que ninguem se póde gabar de não haver sentido. Fibra por fibra de nossa alma é sacudida violentamente. E' o mixto de admiração pela severidade do prisma e pelo arrebatamento do medo!

Depois do quarto tunnel e quasi que pelo meio do kilometro 60 a visão é mais solemne e o espectaculo de uma bellesa aterradora.

Tinha sido esse despenhadeiro o escolhido para o trucidamento do Barão do Serro Azul, na malsinada epoca da guerra civil, tão negra para um paiz culto e civilisado.

Realisou-se o torpe acontecimento, por engano, no kilometro 65; e, ahi, uma cruz de braços abertos, erecta para o Céo, testemunha a verdade e clama justiça incessantemente.

E continuamos a subir e a atravessarmos pontes e pontilhões.

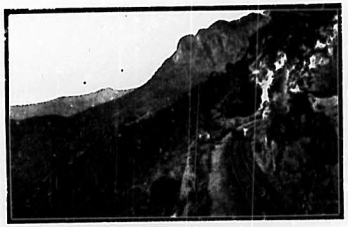
Os tunneis se succedem; são pequenos quasi todos e alguns parecem curvos.

O panorama muda outra vez.

Muito longe, em baixo, divisam-se as bahias de Paranaguá e Antonina.

Todos querem vêl-as, discute-se, apontam-nas.

Os binoculos executam trajectorias. Ouvem-se opiniões desencontradas. E' a multidão de curiosos que das janellas do comboio, na sofreguidão de ver, executam prodigios de exclamação, com mistura de heresias.



Mas nós nos conservamos queda, não sabemos sentir ruidosamente.

Supportamos, contemplativa, a grandesa de um horisonte intermino, cheio de luz, quasi phantastico, e, logo em contraposição o precipicio severo nos encarando friamente.

E, ainda ha quem se abalance a comparar esta via ferrea áquella que liga S. Paulo a Santos. Esta é incontestavelmente notavel, escalando o «Cubatão»; mas querer comparal-as, é querer negar a verdade imponente. Uma, executa a technica do homem na expansão dos seus conhecimentos; na outra, além do mais, o homem divertiu-se com o perigo, escarneceu dos elementos.

Estamos de facto percorrendo estes despenhadeiros e contemplando ainda uma vez, esta obra monumental quasi toda ella executada na aba das montanhas.

E, lembra-nos então que rasão bastante teve um dos nobres filhos daquella terra quando disse: «Aquelle a quem coubesse viver tendo diariamente tal espectaculo diante dos olhos, e que fosse capaz de sentil-o, por modo invariavel e sem deliquio, nem fraqueza, esse viverá perennemente nas cumiadas da Vida».

Muito se falla no Paraná sobre esta grandiosa estrada, e existe mesmo no coração dos paranaenses um justo orgulho, uma verdadeira admiração por esta linha ferrea que só por si nos prova a vontade forte daquelle povo na anciedade do progresso e da sua completa civilisação.

Mas vamos continuar a nossa pinturesca viagem.

Antes de chegarmos á extensa ponte de São João, á Garganta do Inferno e ao Pico do Diabo, teremos que supportar ainda o enfado de alguns tunneis, que na sua totalidade, contei-os, são quatorze e quasi todos pequenos.

A ponte de S. João é conhecida como uma das mais importantes obras de arte executada em toda esta linha.

Vamos ver a elegancia com que ella atravessa o valle do «Marumby» alcançando a serra do «Itupava». E a medida que vamos crescendo em altitude vamos sentir, gradativamente, a differença na flóra, na atmosphera e na natureza.

O frio já se pronuncia.

A Garganta do Inferno, o Pico do Diabo e o Valle do Ipyranga nos levarão ao extremo da admiração.

Digo mal pois que a cascata maravilhosa denominada «Véo de Noiva», essa sim é que marcará o remate da nossa admiração.

Vamos ao seu encontro. Ella está ainda muito acima de nós como tudo que é immenso!

Mais e mais nos avisinhamos do planalto.

Já agora em cachões, em catadupas, despenham-se as aguas dos rochedos. E, as volumosas torrentes, sobre as escarpas pedregosas, hão de nos dar ainda a humidade emanada dos serros e das grutas.

Na imponencia hydrographica que este canto da terra nos offerece, vamos, na phrase elegante de Nestor Victor» gosar a limpida «festa das Aguas».

Vamos travar conhecimento com a cascata chamada o «Véo da Noiva» para finalisar o encantamento desta viagem; já que ella se collocou, tão naturalmente, no extremo da jornada como remate, como a apotheose da visão.

E' realmente a mais graciosa catadupa que até hoje temos conhecido.

Pela manhã, quem descer a serra, dado o nevoeiro que alli sempre existe, não perceberá somente um véo, uma gaze vaporosa escorregando dolente, a illusão será completa. Não um só veo mas uma noiva simbolica, dominando todo o explendor do valle, com a immaculada brancura de suas vestes.

Tem cessado por assim dizer a parte poetica mais interessante desta viagem. O resto bem se póde imaginar.

Já estamos no planalto. Mais um tunnel, uma pequena estação, cujo nome não me acóde.

Os fachinaes já não têm a exhuberancia observada ha pouco. Da Villa Deodoro a Pinhaes e estaremos em Coritiba, termo da nossa viagem.

Esta tournée emprehendida ha 2 annos, epoca em que nos era concedido pelo circuito projectado observar os pontos em que em 1893-94 acamparam as forças federaes (em cujo numero se achava o meu companheiro de sorte) demanda dos perturbadores da paz republicana, essa tournée digo, imprimiu no recesso de minha alma a verdade do imprevisto, a admiração pelo bello, e, parece que dahi para adiante ella evoluiu, evoluiu sempre.

E, hoje ao repetirmos esse trajecto, não foi com indifferença, não foi sem enthusiasmo, foi mais que nunca com respeito e admiração que se deve a tudo quanto realmente o merece, que o fizemos.

Maria Ramos Piedade.

Castellões - Olga - Gioconda e Luiz XV são os melhores cigarros

DE TODO O BRASIL...

(CHAMAMOS A ATTENÇÃO DOS NOSSOS ANNUNCIANTES PARA A DIFFUSÃO DA NOSSA REVISTA)

E' cada vez mais animador o movimento de enthusiasmo que se nota em todo o Brasil a favor de nossa Revista, e diariamente nos chegam as mãos dezenas de cartas e cartões de nossas mais distinctas patricias, muitas das quaes estão trabalhando decididamente pelo victoria de nossa Revista cujo futuro brilhante será o primeiro triumpho das senhoras brasileiras.

A *sra. Brigida Caguim*, distinctissima alumna de nossa Escola Normal, teve a gentileza de enviar-nos uma carta em estylo primoroso dando-nos parabens e concluiu: «não poupareí nenhum esforço para propagar a util *Revista Feminina* e penso que é dever de toda brasileira concorrer para esse fim.

—O *sr. Galdino Moreira*, do Desemtado, escreve-nos: Conhecedor que sou de sua importante Revista que honra os meritos das senhoras brasileiras venho pedir-lhe inscrever minha senhora no rol das assignantes da *Revista Feminina* e concluo: «Augurando-lhe o fás sundistinctas companheiras um tirocinio de luz, de educação artistica, de vida, na trajectoria da aspera carreira do jornalismo, poço venia etc.

—O *sr. conego Moysés Nóra*, vigario de Mogy Mirim, distincto orador sacro e festejado jornalista, enviou-nos a importancia da reforma de sua assignatura e tomou uma outra para pessoa do sua familia em Portugal e de sua carta destacamos estas phrases que muito nos captivam: «A Revista é de primeira ordem, illustra e encanta e aproveita a quem a ler, maximé a boa dona de casa, que o quizer ser, pois *isso* hoje anda... muito pelo bom da morte!»

—*D. Cheophila Nimora*, do Ceará, escreve-nos: «Estou trabalhando para arranjar mais algumas assignaturas para a *nossa* encantadora Revista e logo escreverei.

—*D. Olympia de Brito*, de Tres Corações, Minas, que constantemente envia-nos novas assignaturas, escreve-nos e termina... «e conto certa que no mez de Janeiro enviarei muitas outras».

—*D. Maria Luiza Kruger*, de Ijuhy, do Rio Grande do Sul, enviou-nos, com carinhosa missiva, 6 assignaturas e prometto enviar mais algumas.

—*D. Odila de Camargo Ramalho*, do Socorro, enviou-nos 4 novas assignaturas e escreve-nos: quanto é util para nós uma leitura assim variada e sã, cousa aliás difficil de se obter nestes tempos».

—*D. Ruth Chaves*, de Santos, é uma senhora incansavel, não passa quinzena que não nos envie novas assignaturas, e se todas as nossas patricias a imitassem, o triumpho de nossa Revista seria muito mais rapido.

—*D. Alicia B. Lima*, de Pirajuhy, com o pedido de sua assignatura escreve-nos... «e sinto não tel-a assignado ha mais tempo pois a luz que bebo e o prazer que encontro em todas as paginas que leio, fizeram com que me tornasse alem de assignante e leitora uma sua propagandista fervorosa.»

—*D. Thaiz Barthes Pereira*, de Uberaba, é uma outra senhora que está trabalhando com verdadeiro afinco e carinho. No espaço de um mez enviou-nos mais de 30 assignaturas! e escreve-nos ... «não descanso, devo enviar mais, muitas mais.»

—Do distincto *Juiz de Direito de Pomba*, Minas, sr. dr. Cezar Franco recebemos duas novas assignaturas «Aproveito o ensejo para felicital-a pelo successo que vae obtendo a Revista e para desejar-lhe boas festas».

—*D. Adelaide Araujo Franco*, de Pennapolis, E. do Paraná, escreve-nos pedindo uma assignatura e assim termina sua carinhosa carta: Fazendo sinceros votos pela prosperidade e grande diffusão da Revista para o que empregarei os meus resumidos esforços, termino subscrevendo etc.

Escrevem-nos com novos pedidos de assignaturas mais os seguintes snrs.:

Julieta Barboza, Santo Amaro; Alberto Boeke, de Palmyra, Minas; Damaso de Mello, Agudos; Gasparina Werneck, Mirahy, Minas; Adolphina Jacob de Souza, Gironda, Minas; Elvira Lisboa, Cametá, Pará; Beatriz de Lacerda Santos, Parahybuna; Francisco Fernandino de Andrade, Sete Lagoas, Minas; Manoel Augusto dos Santos, Mendes, Rio; A. Tommassi, Porto Alegre; Carolina da Cunha, Amparo; Leolino Teixeira, Pouso Alto, Minas; Murillo Enriquez e Firmiana Araujo, Araraquara, Jovina Barboza, Bocaina, Maria José Ramos, Quipapá, Pernambuco; Dalila Monteiro de Barros, Igarapava; Angelina Cantori, Pederneiras; Cacilda Genissa, Santa Cruz da Estrella; Amalia Vieira, Guaxupé, Minas; Maria Rosa Gouvea, Machadinho, Minas; Isabel Diehl, S. Manoel do Paraiso; José Alessandro, Passa Quatro, Minas; Binah de Castro, Pirambóia; Diogenes Costa Junior, Salto de Ytú; Manoel Pereira Soares, Queluz; Joaquim Silva Portugal, S. Carlos; Iracy Guimarães, Theophilo Ottoni; Cecilia de Abreu, Jacarehy; Mme. Cavalcante Albuquerque, Rio de Janeiro; Maria Antonieta Paes Machado, Igaupe; Florisa Borba Vita, Santa Rita Passa Quatro; dr. Vicente Sinigaglí, Ribeirão Preto; Margarida Vieira e Maria Brasilina Vieira, Villa Gomes, Minas; Pedro Gigliotti, Monte Alto; Lucilia de Mattos Barretto, Dobrada; Ornelia Inglez de Souza, Jahú; Elvira de Carvalho, Pedro Leopoldo, Minas; Regina Silveira Almeida, Espiralado; Galileu Martins dos Santos, E. Santo do Pinhal; Aurea Paiva de Oliveira, Recife, Pernambuco; Regina Leite, Paraguassú, Minas; Canuto Rosa Milanez, Estação de Java; dr. Agnello Leite, Santa Rita Passa Quatro; Ulysses Siqueira, Guaxupé, Minas; Joaquim de Vita, Cajurú; Alfeo Magalhães, Taubaté; João Alves de Lima, Salles Oliveira; Julia de Moraes, Ribeirão Bonito; Virgilio de Oliveira, Campo Bello, Minas; Marieta Silveira Prado, Jahú; Amelia Rodrigues Lopes, Moraes Salles; Maria da Silva Lacerda, S. José dos Botelhos, Minas; Alice Chaves, Senna Madureira, Acre; Judith Dutra de Carvalho, Roseira; Helena Marques de Oliveira, Jacutinga, Minas; Edmundo Prestes, Itapetininga; Domingos Barreto, Iracema; Antonia Rolim Collaço, Itapetininga; Maria Nazareth Midaglia, Piracicaba; Benedicto Mendes, Dous Corregos; Emilia Aurora, Santos; Elisa Borges Teixeira, Limeira; Alice Ferreira Leite, Poços de Caldas; Alfredo Marinho de Azevedo, Santa Rita Passa Quatro; Octaviano Silveira, Poços de Caldas; Ermelinda Abate, Conquista, Minas; vig. José Marinho, Lagoa Secca, Pernambuco; Americo Martins, Santos; Antonio Amorim Zinó, Milagres, Ceará; Julio Cezar de Siqueira, Orlandia; Maria M. Silva, Ribeirão Preto; dr. Ercolino de Souza, Montes Claros, Minas; Pedro Adelino dos Santos, Natal, Rio Grande do Sul; Afonsina Brasileiro, Alpinopolis, Minas; Elisa Moreira, Pindobas, Bahia; Maria Leonisia de Souza, Cannafistula, Pernambuco; Felisbina Finn, Rio Claro; Pincida Romero Fernandes, Lorena; Maria Nativaldo Sarmento, Montes Claros, Minas; Maria Guaritá, Oleo; Olga Garcia, Tijuca, Rio de Janeiro; dr. Annibal de Paiva Assumpção, Caldas, Minas; Alcino Freixo, E. Santo do Pinhal; Cecilia Sordello, Santos; Isabel Ferreira da Silva, Santos; Ieolina Fomm Rivera, Rio Claro; Luisa Pereira da Cruz, Peritubá; Luisa Taveira, Cataguazes, Minas; Augusto da Silva Cezar, Araraquara; Anna Esmeria Vaz, Pennapolis, Goyaz; Guilhermina Soares de Camargo, Itapetininga; Celeste Pupo, Itapira; Laura Montessante, Bragança; Micaslo Badaró, M. Santo; Fatina de Castro Mello, S. Vicente; Maria Moraes Cardoso, Ieby; Margarida Thomé, Passos, Minas; Theotomilla Sette, Orlandia; Joaquim Eduardo Barboza, Campinas; Michelina Biasi, Botucatú; Maria Augusta de Carvalho, Tayassú; Juvencio Monteiro, S. José da Bella Vista, Goyaz; Candida Ribeiro Arantes, Cravinhos; Donina Valladão Furquim, Bebedouro; José Maria de Vasconcellos, S. José dos Campos; Durvalina Ferraz de Oliveira Santos, Piracicaba; Manoel José de França, Santa Eudoxia; Isaura Andrade Algodoal, Torrinha; José Correa, Ytú; Affonso Gonçalves de Lima, Pesqueira, Pernambuco; Manuel Berenguer Oslach, Guaratinguetá, Esmeria Horta, Pedro Leopoldo, Minas; Maria Caetana de Paiva, Tres Corações, Minas; Mme. Trajano Camargo, Limeira; Bertina, Correa de Araujo, E. Santo do Pinhal; Rosalia Castanha, Cosmopolis; Julia de Moraes, Ribeirão Bonito; Luisa Alves dos Anjos, Mogy das Cruzes; Dulce Moreira Ribeiro da Luz, Lorena; Annibal Trilha de Lemos, D. Pedrito, Rio Grande do Sul; Sylvio Amorim Rodrigues, Chavantes; Analia Ferreira de Azevedo, Santa Rita de Cassia, Minas; Alice Manço, Cajurú; Lydia Carvalho de Figueiredo, Rio Claro; Manuel Franco da Silva Leme, Leme; Armenia do Nascimento, Bomfim, Goyaz; Bernardina Silveira de Moraes, Campo Grande, Matto Grosso; Antenor de Amorim, Bella Vista, Goyaz; Augusto Arruda Sampaio, Bocaina; Bento Louzada Gonçalves, Acarahú, Ceará; Balbina de Castro, Brotas; Paulo Monteiro de Barros, Piracicaba; Armenayde de Moura, Barbacena, Minas; Arpalice Moreira, Santa Gertrudes; Aristiclia Xandó Baptista, S. Carlos; Bertha Barboza, Sta. Anna dos Olhos de Agua, Minas; Lucidelina de Lemos Goes, Passos, Minas; Antonia de Faria Borges, Santos; Antonio Andrade, Monte Alegre; Delmina Ferreira, Barretos; Cecilia Oliveira, Therezina, Piauhy; Elinda de Aquino Queiroz, Carolina, Maranhão.

* * *

Cartões de Boas Festas. — Recebemos e agradecemos mais os seguintes:

Antonio Rodrigues Teixeira, Bom Successo, Minas; D. Ruth Chaves, Santos; Tranquillo Giannini, Capital; Laura Montesanti, Bragança; Maria José Ramos, Quipapá, Pernambuco; Jovino Pires de Campos, Capital; Adelina de Oliveira, Capital; Dicia Loureiro, Lars Swensson, S. Cruz do Rio Pardo; A. J. Oliveira Homeopatha, Uruguayana, Rio G. do Sul; Bibliotheca Caldense, Caldas, Minas; Edeltrudes Pereira, Santos; Centro de Leitura Euclydes da Cunha, Jardinopolis; Major Basilio do Espirito Santo, Corumbá, Artisa Ladeira, Capital; Zaira Trench, Avaré; Mme. Alberto Solano, Santos; Leotilde Concilio, Capital; Laurita Lacerda, Rio de Janeiro; Magnolia Gusmão, Barretos; D. Jacintha Luisa do Couto Brandão Peixoto, Goyaz. Snr. José A. Teixeira Junior, agente geral da PREVIDENCIA no Estado de Amazonas.

EXPEDIENTE

A todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA remetteremos como presente O Adalius elegante livrinho de receitas de cosinha e doces ou um fasciculo do „Cyrano de Bergerac" de Edmund Rostand.

Toda Sra. que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis alem do Adalius, e á que nos enviar 2 assignaturas terá direito ao sorteio de um enxoval de noiva, um mobiliario ou um conto de reis emdinheiro.

Avisamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á Da. **Virgilina de Souza Salles**, directora da **Empreza Feminina Brazileira**, Alameda Glette, 87, São Paulo.

Bebam CAXAMBÚ
A melhor AGUA MINERAL de mesa

BON AMI

VEJAM COMO É FACIL! Esfreguem simplesmente um panno molhado em um pedaço de BON AMI obtendo uma espuma branca, com a qual cubram todos os vidros. Cerca de um minuto depois está completamente secca. Limpem com um panno secco e macio e toda a sujeira desapparecerá ao mesmo tempo. Não ha nada como o BON AMI para limpar Vidraças, Espelhos, Objectos de Metal, Prataria, Sapatos brancos, Azulejos, Ladrilhos, etc. etc. — Unico que não arranha

BON AMI, limpa e pole tudo

E. H. Krischke Agente geral para os Estados do Brazil :— RUA DA BOA VISTA, 30 — SÃO PAULO

Receitas de Toilette

Para evitar o máu cheiro da transpiração

Não pode haver nada de mais martyrisante para uma senhora elegante do que uma exhalação impura qualquer, por exemplo, o mau cheiro da transpiração, que é impossivel esconder, principalmente num baile, numa partida de *tennis* ou em qualquer *sport*. Toda a belleza, toda a graça, todo o encanto da mulher, desapparecem de chofre; todo o veu de sonho que a aureolava, toda a phantasia em que o olhar embevecido do homem a envolvia fundem-se á rajada cruel... A culpa exclusiva porém é da mulher. E' simplicissimo evitar e eliminar de vez o suor excessivo ou o seu máu cheiro; basta usar o *Heliol*, que custa relativamente barato e que sendo um pó, (como o pó do arroz) as senhoras podem usar com facilidade. O resultado é tão extraordinario que, a pedido de muitas das nossas leitoras, fizemos vir de Paris, uma nova remessa de *Heliol*, que não se encontra á venda no Brasil — e remetteremos pelo correio a quem nos solicitar ao preço de 6$000 e mais 500 réis para porte do correio. O preço do *Heliol* como de todos os preparados extrangeiros, subiu muito, devido á guerra.

PERIODICOS DE MODAS

EDIÇÃO ITALIANA

LA NOVITA' — Revista mensal de Modas. — Assignatura: Anno, Rs. 12$000; semestre, Rs. 6$000; um numero avulso, Rs. 1$200.

LA BIANCHERIA ELEGANTE — Periodico mensal. — Assignatura: Anno, Rs. 10$000; semestre, 5$000; um numero avulso, Rs. 1$000.

LA GRAN MODA PARIGINA — Mensageiro trimestral das Novidades de Modas. — Assignatura: Anno, Rs. 7$000; semestre Rs. 4$000; Um numero avulso, Rs. 2$500.

IL CAPPELLO ELEGANTE — Album de chapéos para senhoras, senhoritas, moças e creanças — modelos elegantes. (Publicação trimestral). — Assignatura: Anno, Rs. 7$000; semestre, Rs. 4$000; um unnero avulso, Rs. 2$500.

LA MODA ILLUSTRATA DEI BAMBINI — Jornal pratico para as familias. (Publicação trimestral). — Assignatura: Anno, Rs. 4$000; semestre, Rs. 2$500; um numero avulso, Rs. 1$200.

LA MODA ILLUSTRATA — Semanario illustrado para as familias. — Assignatura: Anno, Rs. 10$000; semestre, Rs. 5$0000; um numero avulso, Rs. 200.

IL SECOLO DELLE SIGNORE — Semanario illustrado de Modas. — Assignatura: Anno, Rs. 10$000; semestre, Rs. 5$00; um numero avulso, Rs. 200.

IL RICAMO — Semanario de bordados, illustrado. — Assignatura: Anno, Rs. 10$000; semestre, Rs. 5$000; um numero avulso, Rs. 200.

NOTA — Os pedidos do interior devem vir com a respectiva importancia, em carta registrada com valor declarado e endereçado a *A. Scafuto*, agente exclusivo de revistas e jornaes estrangeiros, rua 15 de Novembro, 51 — S. Paulo — Caixa Postal, letra minuscula *q*.

"A UNIÃO MUTUA"

Companhia Constructora e de Credito Popular

Capital subscripto 20.000:000$000—Socios inscriptos 35.000 — Fundo de reembolso 1.000 contos de reis

Distribue MENSALMENTE 80:000$000 em peculios prediaes

Os seus socios escolhem a quota a pagar, desde 1$500 até 6$000

Aos nossos sorteados serão restituidas todas as mensalidades pagas com juros de 10% na SERIE CUMULATIVA.

Na SERIE BRASIL não ha decadencia a partir do 13.º mez de associação, pois o socio que se esquecer de pagar ou não quizer continuar recebe immediatamente EM DINHEIRO, o seu fundo de Reembolso.

Terrenos em prestações: Estamos vendendo em prestações, sem juros, mais de 2.000.000 de metros quadrados nos melhores pontos da cidade e para todos os preços.

Séde social:

Palacio "A UNIÃO MUTUA"

Travessa do Commercio N. 2 (Elevador)

Caixa do Correio 412

-- SÃO PAULO --

CASA EDISON

CAIXA POSTAL, 398

Rua 15 de Novembro, 55

SÃO PAULO

Gustavo Figner

TELEPHONE, 2.131

Todos os pedidos de objectos annunciados nesta pagina devem vir acompanhados das respectivas importancias em cartas com valor declarado e sob registro e dirigido a GUSTAVO FIGNER — *Rua 15 de Novembro, 55 — S. Paulo*

O PIÃO MAGICO

De effeito kaleidoscopico. Maravilhosa invenção norte-americana. Positivamente o mais maravilhoso pião do mundo. Produz com seus seis discos coloridos e os 4 interruptores muitas centenas de transformações e entrelações de côres. Diverto toda a familia. E' um mysterio de côres. O melhor resultado obtem-se girando o pião num prato. — Preço 3$000, porte $600 — 3 por 9$ livre de porte

Palmilhas Electro-magneticas

Palmilhas electricas curam quando todos os outros remedios falham

As palmilhas electricas são hoje recommendadas pelas maiores celebridades medicas, por estar incontestavelmente demonstrando que os pés são a parte do corpo em que a cura por meio da electricidade é mais efficaz.

Um par de palmilhas electricas, que duram muitos annos, fórma um circuito ou corrente que ajuda a circulação do sangue através das veias e por isso é o remedio mais efficaz contra o rheumatismo, a gotta, o arthritismo, as dores sciaticas, as caimbras, a nevralgia, e outra qualquer dôr nas pernas ou nos pés, onde é de maxima importancia reactivar a circulação do sangue.

Pelo motivo exposto, as palmilhas evitam as dores de cabeça, as colicas nas crianças e as irregularidades na digestão dos adultos neurasthenicos, causadas quasi sempre pela frialdade dos pés.

Com as palmilhas electricas pode-se estar um dia inteiro pisando sobre o gelo que os pés se conservam quentes.

Ninguem faz idéa da utilidade e conveniencia das palmilhas electricas, as quaes se adaptam facilmente a qualquer calçado, sem que seja necessario experimental-as.

Quando se faz encommenda deve mencionar-se si ellas são para homem, senhora ou creança, e o numero do calçado que se use. Cada par de palmilhas electro-magneticas custa 3$000, pelo correio mais 400 réis.

THE WONDERGRAPH

é um brinquedo mechanico o qual desenha automaticamente, como por magica, milhares de desenhos Uma creança pode fazer funccional-o. O nosso cliché demonstra o apparelho prompto para funccionar. Vire a manivela — o «Wondergraph» se encarrega do resto. Uma ou duas voltas a manivela e os desenhos mais maravilhosos apparecem tão lindos e tão variados que nenhum artista os poderá imaginar melhor. Preço 6$000 Pelo Correio 7$000

CADEIRAS-CARRINHOS

Privilegiadas

Transformam-se em menos de 1 minuto em cadeira para sentar-se as crianças a mesa e carrinho para brincar. A parte inferior forma uma mesa com logar para muitos brinquedos contendo tambem quantidade de bolas coloridas que servem de distracção para as crianças. Fabricadas em madeira torneada muito bem envernizada e servem para crianças de 1 a 5 annos.

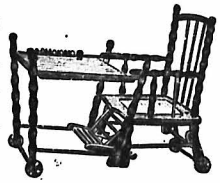
Preços de introducção

N. 1 com encosto de fibra 24$000
N. 2 conforme o desenho 22$000

Os dois desenhos mostram as cadeiras-carrinhos privilegiadas nas duas transformações.

Cadeiras altas para crianças

N. 3 com assento de madeira 10$000
N. 4 com assento de palhinha 12$000



Carrinhos berços p. creanças

a 6$000, 8$000 e 9$000 frete a pagar

FOGAREIRO SUECO PRIMUS N. 1

Consume kerosene. Não produz fumaça. Não tem cheiro. Não gasta mechas. Tem chamma azul. Desmonta-se em meio minuto. Nas fazendas e em casas de pequenas familias.

Substitue os grandes fogões a lenha ou a carvão, servindo perfeitamente para cozinhar com pouco gasto de kerozene. E' absolutamente seguro e não ha o minimo perigo em seu uso.

Preço de reclame 17$000
Outros modelos a 12$000 e 14$000

FOGAREIROS A ALCOOL

"FAVORITE"

Produz o proprio gaz pela vaporisação do alcool. E' portatil e esta sempre prompto para uso. Despendem mais calor que outro qualquer fogareiro a alcool e consome apenas um oitavo do liquido que gastam os congeneres. E' absolutamente seguro. Não póde haver explosões. Não produz fumaça, nem cheiro.

Preço especial . . . . . 3$500
Porte . . . . . 1$500

Todos os pedidos do interior devem vir com as respectivas importancias, em carta registrada com valor declarado e endereçado a GUSTAVO FIGNER (CASA EDISON) Secção «Novidades» Rua 15 de Novembro, 55—S. Paulo-Caixa Postal, 368

Caixa A:—Paga-se 28500 por mez e ao fim de 15 annos tem-se direito a uma pensão mensal, vitalicia, cujo maximo é de 150$000.

Caixa B:—Paga-se 58000 por mez e ao fim de 10 annos tem-se direito a uma pensão mensal, vitalicia, cujo maximo é de 100$000.

E' O MELHOR MONTE-PIO!

DIRECTORIA:

Presidente: Dr. Guilherme Rubião; Gerente: Snr. Gustavo Olyntho de Aquino; Secretario: Snr. Antonio de Araujo Novaes Junior; Thesoureiro: Snr. Herculano de Carvalho.

CONSELHO FISCAL:

Snrs. Dr. Francisco de Toledo Malta, Dr. J. Ribeiro de Almeida, Arthur Ferreira Lima, Cel. Benedicto Duarte Passos. Francisco Teixeira de Carvalho, Derval Junqueira de Aquino, Dr. Evaristo Bacellar e Archimedes Roubaud.

Peçam hoje prospectos á ECONOMISADORA, Palacete da Previdencia, Rua 15 de Novembro, entrada pelo Largo da Sé.

CASA GENIN

Especialidade em artigos para trabalhos de senhoras: para bordar; para crochet; tricot, filet, macramé, lacet, frivolité, inhanduty (Teneriffe). Artigos para confecção de flôres artificiaes. Machinas para bordar e todos os aviamentos para trabalhar com as mesmas. Bastidores redondos, de quadro, de collo, com pés, de todos os tamanhos, lãs e linhas de todas as qualidades e grossuras, torçaes de seda e de algodão e mercerisados, sedas para bordar, lavavel e de Alger, talagarças de todas as qualidades, etamines, setins, pellucias, velludos, linhos etc.

Papel de seda branco e de côres. Papeis crespos, dourados, prateados, pergaminhos cartonados e de Bristol.

Riscos para qualquer trabalho, acham-se sempre promptos e fazem-se de encommenda bem como lettras e monogrammas. Aviam-se encommendas para o interior.

Genin & Filho

RUA 15 DE NOVEMBRO, 8-A — S. PAULO
Telephone 1009
Caixa Postal 204

AUTO-GERAL

CASSIO PRADO

Accessorios para Automoveis
Pneumaticos,
Gazolina,
Lubrificantes

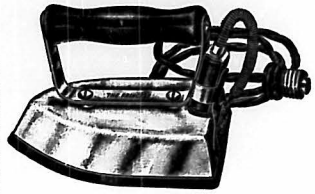
Telephone, 3706 — Caixa, 284
Rua Barão de Itapetininga 17
SÃO PAULO

Bebam CAXAMBÚ

A melhor AGUA MINERAL de meza

Agua de Colonia GRANADO

:—: O perfume favorito das damas.
A melhor para o banho e o toucador.



Ferros de engommar Electricos "PRINCESS"

Acaba de chegar o que de melhôr existe em **Ferros Electricos**

Fortes, Duraveis e Efficientes

Catalogos, Preços e mais informações a

E. H. KRISCHKE

Rua da Boa Vista, 30 - S. PAULO

Byington & Co.

Engenheiros Electricistas
e Importadores

LARGO DA MISERICORDIA, 4-4-A
Teleph. 745 S. PAULO Teleg. ALTAN

Os Ventiladores "WESTINGHOUSE„ são os melhores - Preços razoaveis

Temos sempre em stock grande sortimento de apparelhos electricos para uso domestico - Acceita-se installações e concertos de luz - Dirijam-se á nossa Casa para preços e informações ═

É CHEGADA A HORA

. . . . . de comprar terrenos na CRISE para os vender daqui a um anno, na ALTA, quando terminar a guerra... Os melhores terrenos, os mais vendaveis e mais baratos de S. Paulo são os da

VILLA POMPEIA

Situados na Agua Branca, desde a Avenida, cortando o Parque Antarctica.
A Villa Pompeia tem uma area de um milhão e tresentos mil metros quadrados dividida em 17 ruas e uma grande avenida que parte da linha de bonds do Parque Antarctica e se dirige para a Avenida Municipal fechando o grande circuito futuro de avenidas, do largo do Rosario ao largo S. Francisco: — Avenidas S. João, Agua Branca, Pompeia. Municipal, Paulista e Luiz Antonio. São terrenos de valorisação fatal; fica no amago dos grandes melhoramentos da Capital.

Em 18 mezes vendemos oitocentos mil metros!

Acaba de ser installado ao alto da Villa Pompeia o grande reservatorio das aguas da Cotia. Dentro de alguns mezes a Villa Pompeia estará abastecida com a melhor agua potavel da Capital e é sabido a valorisação dos terrenos abastecidos d'agua.

Porque V. não compra terrenos na Villa Pompeia?

PORQUE NÃO TEM DINHEIRO? Nós emprestamos o dinheiro, pois vendemos os terrenos em lotes, SEM JUROS, a praso muito largo, com qualquer prestação mensal.
E' um negocio ideal; o terreno valorisa-se dia a dia, vai portanto ganhando juros porque augmenta de valor e V. o vai pagando sem juros, aos bocadinhos... Quer V. negocio mais intelligente? S. Paulo cresce espontaneamente. Antes de cinco annos terá o dobro da população. Com a guerra européa e a miseria subsequente a immigração augmentará. A nossa crise é toda de momento; a pujança de S. Paulo será sempre victoriosa.
E' no momento de crise que se fazem os bons negocios. Não ha em S. Paulo nenhum terreno dos que são annunciados em prestações, que se possa comparar aos terrenos da Villa Pompeia.

Para informações: **Na Companhia Urbana Predial**

Escriptorio: **Largo da Sé, 3 (sobre-loja)**

BANCO DE NAPOLES

(Instituto emissor do Reino Italiano)

Autorisado a assumir a tutela, emprego e transmissão de economias dos immigrantes italianos, nomeou, em data de 1. de Junho de 1915, **sua correspondente officiosa no Estado no Estado de São Paulo**

A Sociedade Anonyma Industrias Reunidas F. Matarazzo

a qual desde esta data recebe: as sommas que devem ser pagas por conta de terceiros; as que devem ser depositadas nas Caixas Economicas, Banco de Napoles e Caixas postaes e as que devem ser empregadas em outras maneiras.

Das sommas versadas se entregam recibos que trazem as indicações das quantias em liras italianas, do cambio e do total em mil reis, que effectivamente se pagou.

- - - RECEBEM-SE DEPOSITOS EM CONTAS CORRENTES - - -

„MUTUA IDEAL"

FUNDADA EM 1910

Sociedade Brasileira de Construcções

Approvada e fiscalisada pelo Governo Federal

CARTA PATENTE N. 4

COM a prestação mensal de 5$000 na série **IDEAL**, os associados concorrem a 2 premios em Immoveis, sendo o primeiro de **20 contos de réis** e o segundo de **5 contos.**

Na série **C** a contribuição mensal é unicamente de 2$000, e os associados concorrem a 13 premios em immoveis, no total de 11:240$000, quando completa, sendo o primeiro premio de 10 contos de réis e 2 de 500$$00 cada um.

Na série **EXTRA**, ultimamente creada, a prestação é de 5$000 mensalmente, e tem 4 premios em immoveis, sendo o primeiro de 10 contos de réis, e 3 de 5 contos, quando completa.

A **"MUTUA IDEAL"** acaba de effectuar pagamentos de peculios em: Curytiba, Santa Victoria do Palmar, Banharão, Recife, S. João Nepomuceno, Campinas. Estação José Paulino, Olinda, S. Paulo, Guaratinguetá e em outras localidades.

Factos, não palavras !!!

Todos os documentos estão na nossa séde, á disposição dos srs. associados.

A **"MUTUA IDEAL"** já distribuiu entre os seus associados, premios que attingem a mais de **2.500 contos de réis.**

A **"Mutua Ideal"** já effectuou reembolsos cujo total vae além de **60 contos de réis.**

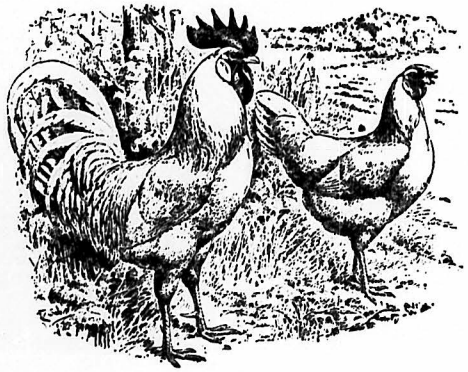
Peçam Prospectos e Informações á Séde Central

N. 53 RUA LIBERO BADARO' N. 53

Caixa Postal, 1234 - End. Telegr. "MUTUAIDEAL"

Telephone, 3740 S. PAULO (BRAZIL)

AVES DE RAÇA



(O mais antigo estabelecimento deste genero)

Importadores e criadores de todas as melhores raças de **Gallinhas, Patos, Perús,** etc., etc.

Importação directa dos mais afamados criadores inglezes e americanos.

Temos sempre em stock bellos exemplares das seguintes raças: **Plimouth Rocks, branco, amarello e carijó, Orpingtons pretos, brancos e amarellos. Wyandotte brancos, prateados, dourados, amarellos e Columbia, Red Rhod Island, Andaluzas azuladas. Langshand pretas. La bresse preto (franceza) Legorn branco. amarello, preto e perdiz (pardo)** HAMBURGUEZAS prateadas, MINORCAS pretas e brancas, JAPONEZAS toda branca com rabo preto de leque (bantams) JAPONEZAS toda pretinha de rabo de leque (bantams) JAPONEZA dourada Seabright, PATOS imperiaes de Pekim e INDIANS rhunners (corredores). GANSO de Toullouse. PERÚS gigantes bronzeados (mammouth americano), de cujas raças vendemos: casaes, ternos e quadros por preços razoaveis, assim como ovos frescos para reproducção.

Vendemos novilhas e novilhos puros para reproductores da afamada raça GUERNSEY, muito leiteira, acompanhando pedegree fornecido pela Secretaria da Agricultura. Porcos e leitões da afamada raça LARGE BLACK (inglezes), grande e preta e POLAND CHINA americanos, «Duroc Jersey». Cabras da celebre raça SIMPLON (suissas), hoje consideradas como as melhores para o nosso paiz, dando-se optimamente com o nosso clima e tornando-se de mui facil criação e dão diariamente de 3 a 4 litros de leite, dependendo do tratamento.

Coelhos russos brancos de focinho preto, de grande belleza e utilidade. Exposição permanente em *Pirituba* (linha ingleza) onde se acha situado este estabelecimento, o qual se encontra a qualquer hora á disposição de todas as pessoas interessadas no assumpto. Dista 7 minutos da estação, sendo o transporte de passageiros feito por automovel da propriedade.

Peçam listas e mais informações a

F. UPTON & COMP.

LARGO DE S. BENTO, 12 - SÃO PAULO

CAIXA DO CORREIO N. 56

- LA SAISON -

- - (A ESTAÇÃO) - -

HENRIQUE BAMBERG

RUA LIBERO BADARÓ Nº. 113

TELEPHONE, 1013 - CAIXA, 113

- - - SÃO PAULO - - -

GRANDE OFFICINA DE COSTURAS DE VESTIDOS PARA SENHORAS E MENINAS

TEM SEMPRE UM BONITO E GRANDE SORTIMENTO DE FAZENDAS, ARMARINHO, ENFEITES E MODAS. — ACCEITAMOS ENCOMMENDAS DO INTERIOR E PARA MEDIDA E' SUFFICIENTE MANDAR UM CORPINHO.

TRABALHOS GARANTIDOS E PREÇOS MODICOS

Não se RESIGNEM com a saude imperfeita!
Levante a actividade do seu estomago, e a saude volt rá!

O "GASTROL"

Marca Registrada

A dyspepsia é a molestia mais commum do Brazil, sendo rara a pessôa que não seja mais ou menos perseguida pela atonia gastro-intestinal.

Dores de cabeça, tonturas, somnolencia, gazes, dores de estomago, insomnia, perda de memoria e perturbação de ideas, prisão de ventre nervosismo e ataques de nervos, fraqueza genesica, desanimo ou inercia na luta pela vida, neurhastenia final — são a via dolorosa do dyspeptico.

Felizmente as nossas matas e campos possuem medicamentos do mais alto valor e já por demais provados para combater a causa de todos aquelles symtomas.

O "GASTROL" é uma feliz associação de taes medicamentos em forma de drageas do mais agradavel aspecto, e preparadas pelos mais modernos processos, sendo um medicamento com mais de 12 annos de experiencia, e já provado como capaz de curar todo o cortejo sombrio das doenças gastro-intestinaes.

O "GASTROL" não é um remedio secreto: é analysado e licenciado pela Directoria Geral do Serviço Sanitario, á qual foi presente um relatorio justificativo do emprego das differentes plantas da Flora Brazileira que fazem parte da sua composição.

O "GASTROL" tonifica as fibras musculares do estomago e intestino.

O "GASTROL" é um poderoso remedio para combater a atonia gastro-intestinal, impedindo as fermentações prejudiciaes, o desiquilibrio nervoso e a neurasthenia, sendo util a todos que levam uma vida intensa, exhaustiva ou desordenada.

O "GASTROL" estimulando o appetite, melhorando a digestão arruinada e a prisão de ventre, eleva logo o moral abatido e promove novo vigor physico.

O "GASTROL" é a esperança de innumeros doentes atormentados de dyspepsia nervosa, magros, desanimados, taciturnos, com insomnia rebelde, sem calma, alterando-se por futilidades.

O "GASTROL" cura diversas affecções, provenientes de uma nutrição imperfeita e digestão arruinada. Velhas doenças da pelle, erupções, darthros, impigens, etc., desapparecem só porque o GASTROL levantou a digestão, e o organismo depura-se normalmente.

O "GASTROL" tem acção especial sobre o figado, que descongestiona, e sobre a bexiga, curando as inflammações chronicas ou agudas destes orgãos.

Quem soffre de doenças do estomago e intestinos, é porque ignora os recursos surprehendentes da nossa Flora consubstanciados no "GASTROL".

Senhoras e homens, não importa que idade, cançados de remedios, descrentes, soffrendo de más digestões, constipados, desanimados para a vida, nervosos, neurasthenicos, teem sido reanimados pelo "GASTROL" que os restituiu á saude normal.

:: Um vidro para 8 dias de tratamento, 3$000.
Pelo correio registrado, 3$500. 3 vidros, 10$000.

DEPOSITARIOS: LAVES & RIBEIRO

Pharmacia Ypiranga - Canto do Viaducto - S. Paulo

Exposition Universal — Paris 1900 — Medalha de Prata

O mais alto premio concedido a essa Industria — Exposição ao Grande Palacio Paris 1904 — Membro do Jury fora, concurso

A. BAUDON

Privilegiado em França ❖ ❖ Casa fundada em São Paulo em 1908

Pernas e braços artificiaes, apparelhos orthopedicos para todas as deformidades : — : Novas fundas para as hernias mais difficeis -: Nova espalda de segurança para fraqueza da espinha dorsal :-

CASA DE TODA A CONFIANÇA

S. Paulo ❀ Rua Barão de Itapetininga n. 57 ❀ S. Paulo

NOTA: Mme. Baudon especialista: Cintas abdominal, umbilical, gravidez, rins movivel etc., colletes de luxo e soutien gorge sob medida.

Pó de Arroz Bijou

Muito adherente e imperceptivel na cutis

PERFUME SUBLIME

A ultima creação da Perfumaria

AMBRA

Vende-se em todas as boas perfumarias

Preço Rs. 1$500

INSTITUTO LUDOVIG

TRATAMENTO DA

O Cr Ludovig é o mais feito creme de toilette. Branqueia, perfuma e amacia a *pelle*. Tira cravos, pontos pretos, manchas, panos, espinhas e sardas.

Os preparados do Instituto Ludovig *curam e impedem toda e qualquer molestia da cutis.*

Para a pelle e cabello usem os productos de Mme. Ludovig.

Os Institutos Ludovig do Rio de Janeiro e S. Paulo mantem uma secção especial para attender (gratuitamente) a todas as consultas que lhe sejam dirigidas sobre *pelle* ou *cabello*.

Unico Instituto em S. Paulo que garante uma cura radical em todos os defeitos da cutis!

Rua Direita, 55-B : ❀ : S. PAULO

ENVIAMOS CATALOGOS GRATIS

CASA BARUEL

Rua Direita, 1 — Largo da Sé, 2
SÃO PAULO

As senhoras, e senhoritas que desejem manter sua cutis em perpetuo estado de juventude, não devem esquecer que em nossa Secção especial de Perfumarias, ha os mais finos e modernos Cremes, Cold- Cremes, Leites, Ceras, Loções diversas e de toda especie de productos para Maquillage. Outrosim, recommendamos o nosso variado sortimento de Pomadas, Pós, Cosmeticos. Vernizes e liquidos diversos para o tratamento completo de "Manecure",

BARUEL & CIA.

Atelier de Photogravura

GUILHERME WESSEL

Rua dos Guayanazes N. 155

TELEPHONE, 4310 SÃO PAULO

Executa-se com maior esmero e maxima promptidão qualquer :: trabalho em zincographia, photogravura ou trichromia para obras scientificas, catalogos e revistas illustradas.

Trabalho garantido, feito pelos processos mais modernos.

Auto-Sport

Accessorios para AUTOMOVEIS

PNEUMATICOS "MICHELIN"

Gazolina e Oleos.

Carga de Accumuladores.

Rua Barão de Itapetininga, 1

TELEPHONE, 694

CASAS VASIAS

Todas as casas, de S. Paulo, antes de receber novos occupantes devem ser desinfectadas. Si vos mudardes para uma casa que não tenha recebido o beneficio da desinfecção, vos arriscaes a contrahir molestias contagiosas, pois ignorais quasi sempre a saude dos que viveram nella antes de vós. O Serviço Sanitario do São Paulo vos informará sempre, com segurança, si a casa que pretendeis foi desinfectada.

GUERRA AS MOSCAS

A mosca é o mais perigoso dos insectos transmitte alem de outras molestias, a tuberculose, a febre typhoide, a gastro enterite das creanças. Devemos impedir a entrada das moscas nas nossas casas, resguardando dellas os alimentos e as vasilhas que os contém. As moscas criam-se nos monturos, nas estrumeiras e dali vêm para as casas. Si supprimirmos os monturos, se fizermos reinar o maior asseio em todas as dependencias das nossas casas, em todos os terrenos, as moscas desapparecerão, não encontrando onde possam deitar os ovos e crear as larvas.

ANEMIA — NEURASTHENIA — FRAQUEZA-CHLOROSE DEBILIDADE E

TUBERCULOSE

MEDICAÇÃO SEM RIVAL

CAPSULAS DE OLEO DE CAPIVARA DE SILVA ARAUJO

Comp. Mechanica Importadora de São Paulo

IMPORTADORES de Materiaes para toda classe de Construcções e para estradas de ferro, Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos, Asphalto, Tubos para abastecimento d'agua, Material electrico, Navios de guerra, Rebocadores, Lanchas e automoveis FIAT, etc. FABRICANTES DE MACHINAS de Café e para a lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, Parafusos e rebites.

Fundição de Ferro e bronze, etc.

GRANDE SERRARIA A VAPOR

Constructores e Empreiteiros — AGENTES DE: Robey & Co. Automoveis "Fiat" — Fabrica de Ferro Esmaltado "Silex" — Comp. Paulista de Louça Esmaltada — Societá Italiana Transaerea "SIT" (Aeroplanos e dydroplanos Bleriotist) etc., etc.

Deposito, Fabricas e Garage:

Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense (Braz)

Estabelecimento CERAMICO

AGUA BRANCA Telephone, 1015

Codigos em uso: A. B. C., 5a. edição, A. 1., A. Z., Western Union, Lieber's e Ribeiro.

RIO DE JANEIRO, Aven. Rio Branco, 25-Caixa, 1534

SANTOS, Rua Santo Antonio, 108, 110-Caixa, 129

LONDRES, Broad Street House-New Broad Street LONDON E. C.

S. PAULO, Rua 15 de Novembro, 36 -Telephone, 244 Caixa do Correio, 51-End. Telegraphico: Mechanica

A RESIDENCIA

Confortaveis - Elegantes e Solidos

Preços especiaes para installações

são todos os moveis fabricados por

"A RESIDENCIA"

para noivos.

NO. 4 PRAÇA DA REPUBLICA NO. 4

A RESIDENCIA

Typ: H. GROBEL
Rua Aurora N. 3 5
:: SÃO PAULO ::